

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

MANARIC / RÁFICO DE A. C. S. S. S. S.



**O SARAU DO LISBOA GINÁSIO CLUBE
FOI UMA PARADA DE BELEZA!**

(Ver reportagem nas págs. 12 e 13)

PREÇO AVULSO 1\$80 ~ 24 DE JANEIRO DE 1946

**ANO V
N.º 244**

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR:
JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR:
PEDROSA MARTINS

PRIMEIREDADE DE "VIDA MUNDIAL"
EDITORIA, LIMITADA

PRIMEIRA COLUNA

A FÓRÇA DO HÁBITO

POR ANIBAL NAZARÉ

O hábito exerce, decididamente, na nossa vida, papel preponderante. Coisas que ontem nos causaram pasmo, são-nos hoje familiares — apenas porque a elas nos habituámos. Factos que antes se poderiam classificar de sensacionais passam, depois, à categoria de banalidades...

Na vida da cidade, por exemplo, é fácil verificar quanto pode e vale a força do hábito, força que nos convence e domina sem violências... É a pouco e pouco, quase sem de tal nos apercebermos que o hábito nos vai vencendo, ao ponto de, quando por nós damos — já estamos habituados...

Pois quem nos diria, aqui há anos, que viajaríamos pendurados nos eléctricos? É claro que, ao princípio, estranhámos...

Mas agora, amigos, estranhámos é quando conseguimos um lugar dentro do carro...

E o que nos custou quando, por necessidades impostas pela guerra, fomos proibidos de ceiar? Hoje, é claro, estamos tão desacostumados que, se de repente os cafés e restaurantes comessem a servir ceias, arriscavam-se a ter a casa às moscas...

E tudo — seguir pela direita, atravessar pelos risos das ruas, não fumar nos eléctricos — durante certos meses — tudo é questão de hábito!

O Lisboa, ao princípio renitente, a tudo se vai habituando... O difícil, afinal, parece que é, depois, ter de se desabituar...

UM LIVRO



Adolfo Simões Müller, poeta primoroso e escritor brilhante que as crianças tem dedicado o melhor da sua rara inspiração, acaba de publicar, na nova colecção que dirige, «Gente grande, para gente miúda», a «História da pedra mágica e da princesinha doente». Sob este título, tão ao gosto das crianças, encontra-se maravilhosos a história de Madame Curie e a descoberta do Rádio.

Tarefa difícil, esta que nasceu dumha idela bridade e aões que as crianças já aborrecem, pela quantidade, procurar interessá-las por novos processos — processos que têm de evoluir tal com evoluiu a formação mental da criança. Mas tarefa difícil de que Simões Müller se saiu brilhantemente.

O seu novo livro não é um livro vulgar nem um simples passatempo. É uma obra instrutiva, útil, bem

UMA EXPOSIÇÃO



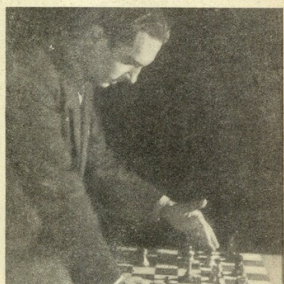
No Salão da Sociedade Nacional de Belas Artes, está patente ao público uma interessante exposição de curiosíssimos trabalhos de pintura em miniatura sobre marfim, executados pela ilustre artista portuguesa D. Adriana Ramos Pinto Costa.

Os belos trabalhos expostos revelam um delicado temperamento artístico, que aplaudimos vivamente, até pela raridade com que nos é dado apreciar trabalhos desta natureza.

escrita, e que os pais devem agradecer-lhe pela intenção que a ditou e pelos milagres que pode operar.



A grande pianista Nella Busola Mussa, que foi solista em São Carlos, na série de concertos organizados pela E. N. em colaboração com a Orquestra Sinfónica do Maestro Pedro de Freitas Branco.



Francisco Lupi, o grande xadrezista português que ultimamente, em Barcelona, venceu o Dr. Alekhine, o famoso campeão do mundo.

Depois disso, com a vinda do Dr. Alekhine a Portugal, verificaram-se vitórias alternadas do nosso campeão e do campeão do mundo.

Xadrezista de rara categoria, Francisco Lupi alcançou, com a sua vitória sobre Alekhine, um grande renome internacional.

O ESCULTOR JOÃO FRAGOSO TRIUNFOU EM ESPANHA

DO NOSSO CORRESPONDENTE, EM MADRID LUIZ DE QUADROS

TEMOS na nossa frente alguns recortes de diários espanhóis que nos falam de João Fragoso em termos que a nossa alma bem portuguesa se enche de orgulhoso contentamento... Fragoso, que há dias partiu para Portugal, permaneceu uns dois meses em Barcelona em permanente contacto com as figuras mais representativas da escultura catalã. Voltou a Madrid encantado com os artistas barceloneses, e muito principalmente com Clará, em cujo estúdio trabalhava e recebia os seus numerosos amigos da segunda cidade de Espanha.

Não querendo entrevistá-lo, preferimos transcrever um gracioso parágrafo de uma crónica do diário catalão «Solidaridad Nacional», dedicada a sua pessoa, e dar publicidade a uma carta íntima que há semanas nos dirigiu, esperando antecipadamente que o grande artista nos perdoará o atrevimento.

A carta em questão vale não só a fotografias

de um interessantíssimo estado de alma como representa também um sincero depoimento sobre o que é a moderna escola catalã de escultura. Além disto, literariamente, é também um documento sobremaneira valioso.

O citado jornal traça assim o retrato de João Fragoso:

«Tem 32 anos de idade, mas representa alguns menos. Moreno, de cabelo ondulado e com um perfil ingénio que acentua a ressonância pastorial do seu nome. Fala nesse castelhano que costumam empregar os nossos vizinhos quando nos visitam, e que, segundo Antónlio Ferro, nos faz dizer: «Que fácil é compreender o português». Porque é um idioma especial, no qual se apoiava a fronteira filológica, que nós, os espanhóis, tomamos por português e os portugueses crêem que é espanhol.»

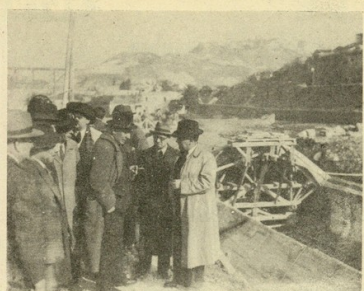
E a carta, a que atrás fazemos referência, está escrita nestes termos: «Escrevo-te em um dia escuro, triste e chuvoso, ao regressar do funeral de Manolo Hugué. Recordo neste momento outros dois enteiros em um curto espaço de meses em que a Espanha perdeu dois dos seus melhores pin-

João Fragoso, em Madrid, do os últimos retoques no busto do conhecido cineasta García Vinalós.

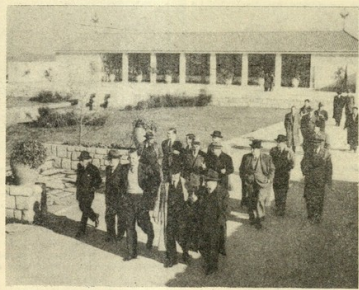




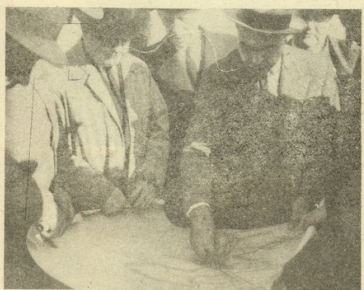
O sr. Presidente da Câmara com os novos vereadores, durante a visita às obras da cidade.



Em Alcântara, os vereadores traçam impressões.



A visita a Montes Claros



Outro aspecto da visita dos vereadores e técnicos da Câmara

tores—Solana e Zuloaga. Foram esses funerais em dias de sol e de céu, bem próprios decerto daqueles que passaram uma vida glorificando a luz. Mas hoje a pesada argila molhada não será menos leve a este que lutou por erguê-la a formas sublimes, a transformá-la e oferecê-la aos homens, no gesto largo de quem teve uma missão digna a cumprir na vida.

Sim... Manolo Hugué, nascido nesta cidade há 73 anos, era um escultor-símbolo como Maillol, desta escultura de formas claras do Mediterrâneo, unido agora também pela morte àquele grande Mestre de Branyulis, fica-lhes no mundo das suas obras como única diferença, uma profunda cultura grega em Maillol, enquanto que o sentimento de igual maneira grego de Manolo é acentuadamente bárbaro, moldado ao sabor rude das montanhas rochosas dos Pirineus.

Maillol e Hugué encontraram-se numa encruzilhada do caminho — a Grécia. Então Maillol caminhava para as margens do Mediterrâneo, e Hugué vestiu os rugosos trajes dos pastores e subiu às montanhas. De lá, ecoou seu canto universal. Ouviram-no os avançados artistas da Alemanha, escutaram-no os tumultuosos cubistas franceses, e os catalães da Espanha correram hoje a descer o seu corpo de montanhas até à sua cidade condal, nesta homenagem tão triste e silenciosa de um dia negro, em cujo fundo mais se parece recortar a claridade das esculturas que talhou no mármore...

As três horas da tarde ouvia-se ressonância na igreja paroquial de Santana. Vi então desfilar toda

uma das mais poderosas escolas de Arte de Espanha — a dos escultores catalães.

Passava o espírito romano de Júlio António, nascido na antiga Tarraco, para oferecer à Espanha essas extraordinárias cabeças da Raça. Mais longe, adivinhava-se a lembrança graciosa das figuras dançantes de Armengol... Junto a nós, pisando medidamente o solo, passa José Clará. E por uns momentos evoco as suas esculturas que, como aquele andar, são de um ritmo grave e medido, erguidas do profundo pensamento moderno e da sua pura evolução clássica. Depois, Casanovas, com um perfume arcaico, recordando a sua obra de superfícies robustas e arquitectónicas, mostrando no rosto de mulheres a mais graciosa seriedade.

E daquela massa de jovens e antigos escultores que acompanham Manolo, evoco a Gargallo, aragonês eu sei, mas que se formou à luz desta Escola para brotar em Paris as mais estranhas conquistas estéticas numa das obras mais discutidas da Arte moderna.

Foi assim que vi o funeral de Manolo Hugué. Escrevo sem ter passado uma hora sequer. Barcelona, 19 de Nov. de 1945 — a) João Fragoço.

Numa entrevista, que mais e melhor nos poderia ter dito Fragoço sobre a Escultura na Catalunha? Aqui fica, pois, um testemunho sincero de carácter artístico e uma atrevida indicação de um jornalista — que os leitores compreendam a nossa atitude e que João Fragoço desculpe e... sorria.

Os novos vereadores da Câmara Municipal de Lisboa, visitaram algumas das obras municipais em curso

Por iniciativa do sr. tenente-coronel Salvação Barreto, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, a nova vereação do capital visitou algumas das mais importantes obras em execução.

Os novos vereadores foram acompanhados por engenheiros e técnicos da Câmara, que lhes deram as necessárias explicações, e no decorrer da visita o sr. tenente-coronel Salvação Barreto trocou com eles impressões sobre acabamento de algumas, novas obras a realizar e outras iniciativas camarárias de interesse público.

ACTUALIDADES DE HOLLYWOOD



Arrogante, brutal, agressivo, aqui têm Charles Laughton, feito capitão de piratas, tal como nos aparece em «Captain Kidd». A sua indumentária evoca-nos os navios de corações, os tesouros escondidos em ilhas desertas, dancas e abordagens, todas as situações, enfim, que fizeram das sinistras aventuras dos piratas um manancial inesgotável de mistério e emoção.

Gary Cooper, actor extraordinário, favorito das plateias mundiais, dá-nos na sobriedade do seu máscara, a imagem do fogo interior do seu talento.



Errol Flynn e Nora, a sua lindíssima mulher, fotografados num «cabaré» em voga. Errol recebeu, há dias, uma carta entusiástica de um cadete de West Point que o vira em «Objective, Burma». O cadete era filho do malogrado general Patton.



Casados de fresco. Ela é Mona Freeman. Ele chama-se Pat Nerney. Não os conhecem, não é verdade? No entanto, pertencem à categoria dos astros mais jovens e mais prometedores dos estúdios americanos. Não esqueçam os nomes — e terão ensaio de comprovar a veracidade do que afirmamos.



É assim que eles ensaiam! Ao piano, Gary Grant e Mary Martin aprendem «My Heart Belongs to Daddy», uma das canções do próximo filme. E quando os virmos na tela entre os estrofos de «O meu coração pertence ao paiinho», seremos incapazes de nos lembrar de que muitos horas foram preciosos para eles a interpretarem com naturalidade.



Clark Gable continua a ser o galã solteiro mais pretendido de Hollywood. E mais «espaldado» também... Porque os fotógrafos, mal o vêem com uma mulher — «click...» E a fotografia aparece nos jornais, com a legenda inevitável: «Será esta a «periga dos seus sonhos»? No caso presente, a deusa é a ex-mulher de John Lee.



Noticias dos nossos estúdios

* A Mantilha de Beatriz, velho projecto do cinema nacional, e cuja realisação se prevê para a primavera de uma vez, vai agora ser adaptada à tela pela Lisboa-Filme, com direcção do técnico espanhol Eduardo Maroto.

* O próximo filme da Companhia Portuguesa de Filmes será «A Recompensa», segundo a peça do mesmo nome do dr. Ramada Curto. Para o realizar, indigita-se Jorge Brum do Canto.

* A estrela do «Trinca-Fortes», de Leitão de Barros, está prevista para a Páscoa do corrente ano. No entanto, não seria de admirar se fosse adiada para o início da próxima época.

* Diz-se que «Sonho de Amor», de Carlos Porfírio, e que foi apresentado em Évora, com vistas no Grande Prémio do Secretariado, será estreado em Lisboa, no Eden, no dia 17 de Março p. f.

* A Companhia Portuguesa de Filmes pensa novamente na realisação de «Maria da Fonte», que possivelmente será dirigida por Leitão de Barros, e para o qual se chegaram a filmar algumas cenas no cenário magnífico do «Bairro Comercial», da Exposição do Mundo Português.

* Maria Domingas, a vedeta de «João Rattos» e de «Lobos da Serra», uma das artistas mais sensíveis que o nosso cinema tem revelado, parte brevemente para o Rio de Janeiro. A sua viagem, porém, é alheia a qualquer projecto cinematográfico.



Esther Williams, campeã olímpica de natação, vedeta cinematográfica dos mais queridas e admiradas da hora actual, esposa para o fotógrafo, num intervalo de filmagens, ao lado do realizador George Sidney. Esther Williams, além de ser uma mulher formosíssima, de plástico escultural, é uma artista cheia de personalidade, que conquistou rapidamente uma posição.



As leitoras que nos pediram o modelo de um vestido de noite, oferecerem esta imagem de Louise Albritton. Cremos que o vestido lhes dará inteira satisfação. Foi desenhado e executado por um dos maiores costureiros de Hollywood e impõe-se pela elegância e sobriedade das suas linhas, que, como é notório, convêm sobretudo as mulheres altas, embora efusae-moigres.

Esta é o mais recente foto de Maria Montez. Foto pouco vulgar, porque nos apresenta a lindíssima vedeta com um traje elegante e distintíssimo, que lhe velo, por completo, a famosa plástica. Em lugar dos exoragos dos mores da sul ou das fúnicas transparentes dos adolicas, Maria Montez veste um tailleur de bom gosto, conjunta que é completado por um longo véu.

O CINEMA NACIONAL PERANTE O FILME DE FORMATO REDUZIDO

Por FERNANDO FRAGOSO

O filme de formato reduzido continua a sua marcha de conquista através do mundo. Foi a guerra que pôs à prova os seus méritos e qualidades e que levou os técnicos e artistas a aperfeiçoar as aparelhagens e registos, de forma a obter o máximo rendimento. Para que se avillem as possibilidades que oferece ao capitão do espectáculo, basta que se diga o seguinte: uma máquina projectora, instalada na cabina de um dos maiores cinemas de Lisboa, projectos sobre o ecrã da sala um filme de 16 m/m. A imagem sensivelmente igual à do filme de formato normal, satisfaz plenamente, a despeito de estar registado sobre película de menos de metade do tamanho daquela que hoje se adopta para a exploração comercial. Isto, no capítulo de imagem. Paralelo, na que se refere ao som, ele revela-se do mesmo modo nítido, claro e brilhante.

Como é do domínio público, as grandes firmas americanas estão trabalhando activamente no sentido de explorar o filme de 16 milímetros nas localidades que hoje não dispõem de salas equipadas. E uma vez que é possível «reduzir» todos os filmes fotografados em tamanho normal, os grandes espectáculos que constituem o polo de atracção em todo o mundo, poderão também accrescer aos núcleos populacionais reduzidos e que pela insuficiência numérica estavam inhabilitados de construir cinemas e, consequentemente, de ter contacto com o mundo das imagens.

Quanto mais pobre for o país, no que se refere à existência de salas cinematográficas, tanto maior será a importância do filme de dezasseis milímetros. As aparelhagens multiplicam-se do com carácter fixo ou ambulante. E segundo um técnico americano com quem falámos recentemente, ao fim de dois anos de exploração, Portugal poderá contar com um mercado vastíssimo para a exploração dos filmes de formato reduzido. O cinema como espectáculo ficará ao alcance de todas as bolsas. E pela própria natureza da mecânica de produção (támpula eléctrica em lugar de arco, filme ininflamável, reduções dimensões e simplicidade de manuseio das aparelhagens), qualquer salão de sociedade recreativa ou dependência de clube desportivo local, poderá imprudenciar em sala de espectáculo cinematográfico.

Perante estas perspectivas, o cinema português vê abrir-se diante de si animadoras possibilidades. A excessão do mercado, com efeito, tem sido até aqui o maior empecilho ao seu desenvolvimento. De qualquer filme nacional será possível ganhar tirar cópias em formato reduzido. E a nossa industria de filmes verá aumentar, em proporções incalculáveis, o número dos espectadores dos seus filmes, com todas as vantagens inerentes ao capítulo de receitas. Da nos enganarmos muito, ou o próximo advento do cinema de dezasseis milímetros, impulsionado por duas grandes firmas americanas, poderá trazer ao cinema português o benefício inestimável dum público que até aqui lhe era ignorado e desperdiçado.

HISTÓRIA

DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXX

As conferências interaliadas

PODE dizer-se que nesse começo de 1943, a situação política e diplomática se encontrava tão perturbada como a situação militar. Por toda a parte os agentes da propaganda alemã procuravam semear a discórdia entre os Aliados, pois era firme convicção dos dirigentes do Reich que, se não fosse possível dissociar o bloco das suas adversárias, estas, mais cedo ou mais tarde, acabariam, dada a natureza e a extensão dos seus recursos, por alcançar a vitória. Os Italianos, que se sentiam directa e imediatamente ameaçados pela marcha dos acontecimentos militares no Norte de África, os quais certamente não tardariam a aproximar-se dum desenganço, associavam-se, como é natural, a essa campanha cujos efeitos começavam a fazer-se sentir em manifestações de desconfiança recíproca no campo aliado.

Um dos eslogans da propaganda alemã nessa época era o das ambições territoriais dos soviéticos na Europa Oriental, o qual servia simultaneamente para manter unidos ao Reich os satélites balcânicos entre cujas populações os sentimentos de

caso, de recelo e de deslúcio, começavam a tornar-se predominantes à medida que lhe eram exigidos novos, e cada vez mais pesados, sacrificios.

Outras vezes postas a circular, e que visavam a estabelecer a discórdia entre os Aliados, eram as de que o capitalismo americano tinha intenções reservadas sobre o Império britânico, cuja dissolução esperava como consequência inevitável do conflito, de que a posição dos exércitos alemães na frente leste não tardaria a modificar-se radicalmente, e que a máquina militar soviética estava na iminência dum colapso total, de que a campanha submarina levaria a Inglaterra a pedir a paz num prazo de tempo muito curto, de que o envio de forças alemãs para a Tunísia impediria os anglo-americanos de liquidarem satisfatoriamente a campanha de África, etc. Este género de argumentos e as suas repercussões levaram os Aliados a considerar, há muito, a vantagem de lhes opor um desmentido formal, ao mesmo tempo que as exigências militares impunham a convocação duma conferência para acertar os planos que inclu-

ROOSEVELT E CHURCHILL

es e americanos se propunham efectivar imediatamente no Norte de África.

A SITUAÇÃO MILITAR E AS EXIGÊNCIAS POLÍTICAS

As perspectivas militares para os Aliados começavam a ser particularmente brilhantes quando Churchill e Roosevelt decidiram encontrar-se em Casablanca. A escolha desta cidade para a realização da conferência era particularmente feliz. Além dos antecedentes, não muito remotos, que o nome de Casablanca evocava quando estava em curso uma segunda guerra contra a Alemanha, pois fora um incidente ali ocorrido em consequência de uma provocação alemã que contribuiu poderosamente para que se formasse a coligação aliada, várias outras razões, de natureza política, tornavam a sua escolha excepcionalmente feliz.

O Presidente dos Estados-Unidos teria ocasião de visitar as forças dos seus países enviadas para o Norte de África, o que constituía um incitamento ao seu brío militar e um encorajamento para futuros compromissos. Este acto de transcendente significação política no quadro da política interna norte-americana surgiria como uma consagração simbólica de toda a orientação seguida desde o primeiro momento pelo Presidente Roosevelt.

Por outro lado, era nas proximidades de Casablanca que estava a desenvolver-se o drama francês, e que se sentia o referer das paixões que agitavam a França inteira, as quais se não limitavam a traduzir aspectos de pormenor porque apareciam estreita indissolúvelmente relacionadas com o destino da França e com a sua futuro. A morte do ministro Darian e a luta entre De Gaulle e Giraud estavam a constituir temas de apaixonadas discussões na Grã-Bretanha e nos Estados-Unidos, países cuja acção na guerra e na paz dependia, em grande parte, da situação que viesse a ser criada em França depois do termo das hostilidades. Compreende-se, assim, que Churchill e Roosevelt procurassem tomar contacto directo com os chefes militares e políticos da França, encaminhando-os no sentido duma reconciliação sincera que era indispensável ao progresso e ao êxito da causa aliada.

mente, reunindo-se duas e três vezes por dia e conferenciando frequentemente com o Presidente e o Primeiro Ministro. Foi atenciosamente examinada a situação militar nos vários teatros de operações espalhados pelo mundo e postos em comum os recursos dos dois países para o prosseguimento, cada vez mais enérgico, da guerra, na terra, no mar e no ar.

Nunca anteriormente se haviam realizado tão demoradas e aprofundadas conversações entre os dois aliados. Os chefes dos dois países e os seus Estados-Maiores chegaram a um completo acordo quanto aos planos a pôr em prática durante o ano de 1943 para fazerem a guerra contra a Alemanha, a Itália e o Japão, tendo em vista a conveniência de aproveitar a marcha favorável dos acontecimentos no fim de 1942. Estaline foi convidado a participar nos trabalhos da Conferência, o que lhe não foi possível assistir dada a impossibilidade de deixar, neste momento, o território do seu país, onde dirige as operações militares na qualidade de comandante-em-chefe dos exércitos soviéticos. O Presidente e o Primeiro Ministro têm na devida conta o enorme peso da guerra que a U.R.S.S. está suportando neste momento. O presidente Estaline foi plenamente informado das resoluções tomadas. Roosevelt e Churchill estiveram igualmente em contacto com o marechal Chang-Kai-Shek, quem deram conta das medidas tomadas para auxiliar a China no seu esforço magnífico a favor da causa comum.

O encontro entre o Presidente dos Estados-Unidos e o Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha forneceu uma oportunidade para conferenciar com o general Giraud, o qual, por sua vez, esteve em contacto com os Estados-Maiores inglês e americano. Foi preparado um encontro entre ele e o general De Gaulle. Os dois generais estiveram em estreito contacto. Depois de prepararem os planos para a campanha de 1944, o Presidente e o Primeiro Ministro separaram-se a fim de emprecarem a dar-lhes execução prática.

AS DECLARAÇÕES DE ROOSEVELT EM ARGEL

Foi em Argel que no dia 27 de Janeiro o Presidente dos Estados-Unidos recebeu o jornalista que forneceu a primeira versão da Conferência destinada a completar o laço do comando oficial que acabava de lhes ser entregue.

O significado desta Conferência, começou a ser por dizer, é de maior importância, pois ninguém terá dúvidas de que os nossos Estados-Maiores estavam a resolverem problemas militares que se relacionam com a actual situação em todo o mundo. Foi de estratégia e de estratégia sobre que se tratou, e foi nesse quadro que assentámos os nossos planos de acção, os quais visam, fundamentalmente, a realização dum objectivo: não deixar que a iniciativa das operações de novo para o mundo. Enviaremos todo o material de que pudermos dispor para a Rússia e

(Continua na página 14)



APRESENTA A MAIS RICA COLEÇÃO DE PELES E CONFEÇÕES NOS SEUS ESTABELECIMENTOS DAS

RUA DO CARMO, 29-31
RUA DA PALMA, 17-121

TELEFONE P. B. X. 20784

LISBOA

AS PRIMEIRAS NOTÍCIAS DA CONFERÊNCIA DE CASABLANCA

O primeiro comunicado da Conferência de Casablanca foi fornecido à imprensa três dias depois de haverem terminado os seus trabalhos, por motivos de segurança, em 27 de Janeiro. De lá a seguinte, depois de incluir as personalidades que a ela haviam assistido por parte da Grã-Bretanha e dos Estados-Unidos.

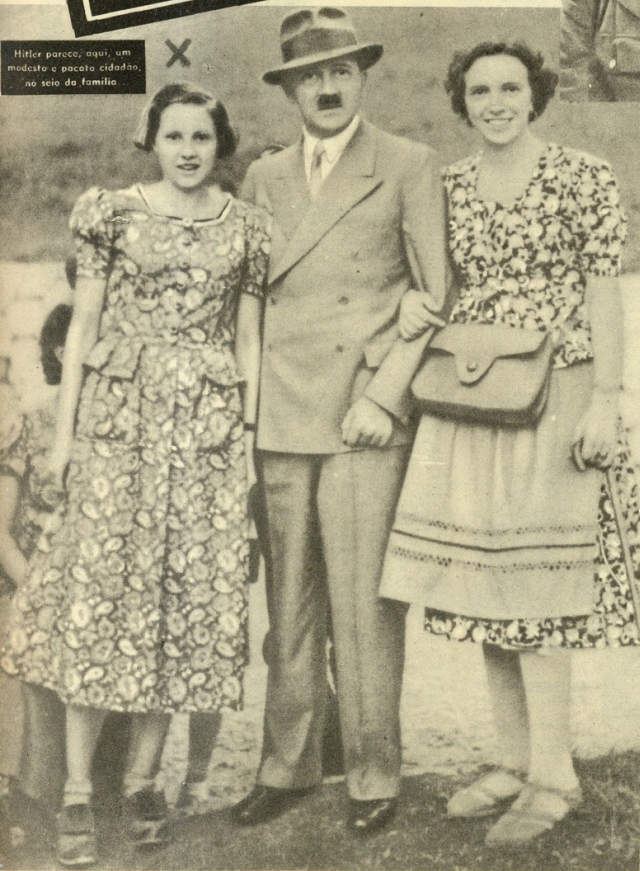
O Presidente dos Estados-Unidos e o Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha estiveram reunidos durante dez dias (de 14 a 24 de Janeiro) em Casablanca, sendo acompanhados pelos seus peritos militares. Estes últimos conservaram-se em sessão perma-

HITLER TEVE UM RIVAL



Este é Jean Solar, o homem que afirmou e prova ter sido rival do Fühörer.

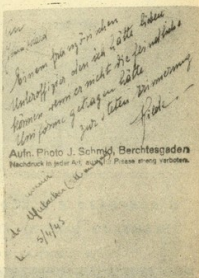
Hitler parece, aqui, um modesto e pacato cidadão, no seio da família.



SEGUNDO conta Jean Solar, polaco de origem mas que se diz francês pelo coração, que, no posto de sargento fez as campanhas da Itália, da França e da Alemanha, pelo que tem inúmeras condecorações, tendo-se batido como um herói, Hitler teve um rival... E esse rival foi ele próprio, Jean Solar, que se lhe seguiu no coração de Nicole, uma alemã de Berchtesgaden, com quem o Fühörer manteve as mais carinhosas relações. Mas, depois da derrota de Hitler, Jean Solar foi o preferido...

E como prova, apresenta as fotos juntas, na qual vemos o Fühörer entre Nicole e uma pessoa de família e uma dedicatória em que ela diz: «Aquele que eu teria amado se não evergasse um uniforme inimigo».

Pois este Jean Solar, sargento polaco, rival de Hitler no amor de Nicole, é — ironia do Destino! — de origem israelita!



A dedicatória de Nicole para o sargento polaco.

M R A D O U R O UM BEIJO NA FACE

POR NELSON DE BARROS

DIZIA não sei já que filósofo detestavelmente materialista que o dinheiro não dá felicidade; mas dá uma coisa tão parecida com ela que para se distinguir é necessária a intervenção de perito.

Que pena este filósofo não conheceu o Teodoro! Não falar com o Teodoro! Não ouvir as lamentações do Teodoro! Talvez modificasse a sua opinião tão pouco poética sobre a promiscuidade do divino e do profano.

E talvez também tivesse pena do Teodoro como eu ontem tive: Pena sincera, cordal. Já vão ver se não tive razão.

Quando eu conheci o Teodoro (e val já um bom par de anos), já ele não era criança nenhuma. Tinha ele uma vida cheia de arestas, dificuldades de toda a ordem, faltas de dinheiro — o diabo! Era casado com uma senhora gorda, de idade já quase respeitável, mas tinha ainda dois filhos em idade de meter o dedo no nariz. E lá por casa as coisas não iam nada bem. Os credores visitavam o casal com uma assiduidade que não passava despercebida aos outros inquilinos do prédio; o mercetário queixava-se de não poder ficar mais; e o homem do talho, numa tarde de grande calor em que falava com a porteira, chegou a deixar transpirar aos quilos e aos meus quilos. Já lhe devia umas sete ou oito vacas. Isto no tempo em que as havia, é claro...

E estava assim-o Teodoro, como illa, cercado de dívidas por todos os lados, quando uns sujeitos que eram

estadistas e desenvolviam todos os esforços para manter a paz no Mundo — conseguiram que rebentasse a guerra.

O que depois se passou na vida do Teodoro não sei dizer. Meteu-se em negócios que o próprio Teodoro não queria fazer com medo dos impostos sobre lucros extraordinários de guerra. Creio que exportou tremoços para a Inglaterra. E importou folha de Flandres não sei donde. E mandou dize de peixe para o Canadá. E recebeu tubos galvanizados da América. E colocou las cardadas na Suíça. E comprou margarina. E vendeu manteiga de primeira. E negociou açúcar branco no mercado negro. E sonçou, e monopolizou e açambarcou. E, enfim, esqueceu Quem o viu e quem o vê! Não há dúvida de que o Teodoro progrediu muito mais nesta guerra do que os príncipes democráticos. Talvez por não ter tanta gente a protegê-lo e defendê-lo e sózinho.

Mudou de hábitos, de casa, e só não mudou de mulher porque a senhora gorda que, num dia pardacento de há muitos anos, o levou ao registro civil, é pessoa muito agarrada a idéias feitas e não foi daí abaixo. O dinheiro subiu-lhe à cabeça. Comprou anéis para todos os dedos, e se pudesse comprava mais dedos só para ter onde exhibir mais anéis. Fez, enfim, todas as tolices que nós, os tipos sem dinheiro, costumamos censurar aos que têm dinheiro para os fazer.

E foi nessa altura que eu comecei a ver-o no teatro de teatros. E que soube da história: O Teodoro

estava apaixonado por uma corista, a Etevína. Transformara-se naquilo a que, em gira teatral, se chama "corista". A Etevína, porém, emburrava com ele; aceitava-lhe os presentes, guardava no seio os cheques que ele lhe dava, mas não tinha a menor transigência de ordem sentimental. Na ausência chamava-lhe "vriho", o tempo e outras amabilidades impróprias para reproduzir em letra de forma. Um dia, durante um ensaio, disse-me:

— Eu até tenho raiva àquele refêdo do diabo! Não sei de apanhar-lhe o que puder e não me há-de tocar com um dedo! O raio do homem! O senhor já reparou que ele tem cara de quem vai espirrar!

Não pude conter uma gargalhada. A rapariga tinha razão. Os olhos a quererem fechar-se, a boca aberta, o rosto contrido — o Teodoro tem, de facto, cara de quem está permanentemente à espera de um espirro que nunca mais vem...

Mas a verdade é que um dia a Etevína desapareceu. O Teodoro deixou de ir ao teatro. E vim a saber que ele lhe tinha posto casa ali para os lados do Areeiro, que ela luxava como uma princesa, e que dizia às colegas que nunca trabalharia.

Fiquem-me com um évio lá perceber as mulheres, e não penset mais no assunto, até que ontem encontrei o Teodoro.

— Olá! Então é a Etevína?
— Não, tem, obrigado.

— Com que então de casa e pucarrinho, sem maroto!
— Ora! Se Você soubesse...

— Que lhe aconteceu?
Teodoro contralua mais a cara como se o espirro estivesse a aproximar-se. E contou-me esta coisa espantosa: tirou a Etevína do teatro, pôs-lhe a casa, deu-lhe jóias, fez dela uma rainha (frase dele), empregou-lhe dois irmãos, fez um senão de vida a favor dela, abriu-lhe um depósito à ordem num Banco, está sempre pronto para lhe pagar a despesa mais disparatadas, e ainda agora, seis meses depois, ela não lhe permitiu mais que o tenha intimidade. Ainda o trata por senhor...

— E explorou-me! Ainda há bocaco recubi uma carta sua. Quer ver? Mostrou-me uma carta escrita em letras desenhadas de menino de escola, e que dizia assim:

Senhor Teodoro:
Pega que me mande o conto e quilnetos para a modista porque oje tenho que pagar sem falta e não hontem a pedt mas o senhor não fez caso.

Etevína

(Não se zeparem na ortografia, porque a Etevína, como os bandados românticos, tira aos que têm para

dar aos que não têm. O Zé do Tebado seguia esta prática com as libras dos bufarinheiros e os brinco das burguesas, a Etevína é com os hh...)

Teodoro continuou, numa lamúria:
— E ainda você não sabe o resto! Ela trata-me muito mal! Olhe que única condescendência que tem comigo é deixar-me dar um beijo na face...

— Só um beijo na face?
— Só. Um quando chego à casa. E outro quando saio. Mais nada!

— E' amigo Teodoro, como direi... apa ra esse jogninho?
— Que remédio! Eu até chego a pensar que ela me tem ódio! Faz tudo para me ridicularizar! As vezes...

... ..
... ..

Deixe, stbitamente, de ouvir o Teodoro. Por que diabo me lembrei eu, nesse momento, do pintor de Trilussa?

Trilussa, o maior poeta satirico da Itália contemporânea, conta que um pintor seu amigo andava a pintar em Paris, uma princesa russa, um tanto misteriosa e um tanto exótica. Calkora o senhor que ela. Uma paixão violentíssima, demoldidora, quase atômica. Fazia-lhe declarações de amor que mais nenhuma mulher seria capaz de ouvir sem lhe entregar logo o coração e ardores. E ela nada, insensível. Só depois de muito perseguida transigiu em que ele se deixasse, casamente, na testa. E o pintor de Trilussa, durante um mês que levou a pintar o quadro, passou a viver para o momento em que a raridade eslava chegava ao atelier e ele lhe queimava a pele da testa com um ferro quente, que ardia de uma sua alma de apaixonado e de artista.

Concluído o quadro, a princesa não apareceu mais e ele começou a procurá-la por toda a parte. Um dia, caceia numa árvore, viu o automóvel dela parado à porta de um instituto de beleza. Meteu conversa com o schauffeur, que lhe disse servir naquela casa há quatro anos.

A princesa tratava como se eu fosse da família — Informa, de. — Também não admira porque eu já lhe dei uma prova de grande educação. Calkora o senhor que, aqui há dois anos, na estrada para Blairitz tive um desastre, o guarda-lapas caceia numa árvore, saltou, partiu o vidro, e a princesa ficou muito ferida na testa. Foi o primeiro caso de hospital mais próximo. O médico, que conheceu logo a minha senhora, disse: «Para que a princesa não fique desfigurada, é preciso que alguém se disponha a dar um bocaco da

(Continua no pag 14)



RELÂMPAGO
DISTRIBUIDOR

para:
Banhira
Lavatório
Bia
Lava-Louça
Lava-Roupa

Um RELÂMPAGO é indispensável

TODA A DONA DE CASA, PREVENTIR TEM DUAS PREOCUPAÇÕES:

O CONFÓRTO E A ECONOMIA DO SEU LAR

RELÂMPAGO SATISFAZ ESTAS DUAS EXIGÊNCIAS

À VENDA NOS SALÕES

FÁBRICA PORTUGAL

Rentadores, 49-55-A, da República, 59-R, Fobo Mont, 1-18-R, da Graca, 52-54

PÁGINA LITERÁRIA
por Álvaro Salema

O QUE FALTOU NO CENTENÁRIO DE EÇA DE QUEIROZ

PODEM considerar-se encerradas as comemorações do centenário da grande romancista que tanto amou a sua terra e a gente a que conheceu, tão coriosamente soube desmascurar as misérias dos grandes, dos enfatuados, dos mistificadores e dos imbecis importantes, tão piedosamente sentiu os sofrimentos dos pequenos, que pouco contribuiu para remediar.

Faltaram nelas, sem falar sequer nas coisas com que se ofendeu a sua memória, o que mais importaria fazer: o estudo definitivo e completo da sua obra, numa série organizada de grandes trabalhos em que colaborassem as melhores capacidades críticas de Portugal e do Brasil; a divulgação popular dos seus livros, associando a grande massa do país pelo prêmio fundamental de um escritor, que é a leitura, a comemorações menos mundanas, menos «nobes» e menos falsas; a criação da «Casa de Eça de Queiroz», com a biblioteca queiroziana em que se incluem sem todas as edições dos seus livros, os dos escritores que leu e o influenciaram, os estudos publicados sobre a sua vida e a sua obra e a consagração do seu nome em celebrações que a multidão pudesse compreender e amar — sobretudo na maior de todas, que seria ensinar a lê-lo um povo de que o romancista se distanciou, não pelo aristocratismo convencional e grotesco de tantos que o exaltam, mas porque o povo estava e continua a estar desgraadamente longe do seu espírito, do seu estilo civilizado e da sua elegância de artista.

«EÇA DE QUEIROZ — uma estética de ironia», por Mário Sacramento

A crítica de índole explicativa, no domínio da literatura como em qualquer outro, pode conferir maior valor e interesse à problemática, como forma de intenção, porquanto abarca todas as diversidades na concepção, no estilo e na expressão formal; ou à arquitetura, como método de construção de uma personalidade ou uma obra em função dos seus resultados completos. Na primeira será predominante o intuito analítico, na segunda o intuito sintético. E dilase expressamente os intuítos, por que é mais natural e mais vulgar comparem-se constantemente no trabalho crítico os dois métodos de pensamento.

Mário Sacramento inclina-se nitidamente para a segunda daquelas formas no seu inteligente, reflectido e escrupuloso estudo sobre Eça de Queiroz. De tantos livros sem plano e sem finalidade que se publicaram sobre o romancista a propósito ou despropósito do seu centenário, é este, certamente, o que apresenta mais sólida concepção e mais deficiente capacidade construtiva.

Entre a crítica, talvez muito inteligente mas pouco estruturada no plano da cultura, que se subverte em reflexões dispersivas e a crítica que tudo submete a um critério externo à própria obra ou personalidade estudadas, o processo de Mário Sacramento afigura-se excepcionalmente eficaz e sério. O livro que escreveu está aí a testemunhá-lo.

Procura fixar a formação e expressão da individualidade literária de Eça de Queiroz através da ironia — e não há ironia como simples processo, acidente ou artificio de artista muito bem dotado, como sucede com tantos outros, mas da ironia profunda e grave, modo de consciência que tudo reflecte e enforma, maneira de ser espiritual em que se exprime uma visão da vida e por isso se representa em arte com sinceridade plena. O desenvolvimento da personalidade e da obra de Eça figura neste livro em função da presença de um estilo írmal largo, que inclui a maneira de ser interior e a maneira de ser literário. O processo de Mário Sacramento nesta sua brilhante interpretação queiroziana pode ser restritivo — mas a sua indelével inteligência protegeu muito bem das inevitáveis limitações, entendeu-o com uma fina literária muito pessoal e fina, permitiu-lhe fazer vir à

superfície, por meio dele, muitas anotações subitas à experiência estética excepcional que a obra de Eça constitui.

A definição de ironia, de que o autor do livro não passou para a sua construção crítica, é, sem dúvida, muito fina e traz o cunho da responsabilidade conscienciosa e esmerada tomando-a como peça estrutural do seu processo. Deve notar-se, porém, que a verdadeiramente a esgar se remediado, em delimitações de conteúdo e de método através de todo o seu trabalho. E por isso, talvez, inclusive tanto em considerá-la inacessível a quem perfurte um sistema — quando a verdadeiramente a esgar se procura o sistema para temperar uma ironia intrínseca à própria natureza espiritual, para se salvar da sua melancolia, para combinar a consciência das antinomias com a necessidade de viver. A lógica da existência é que está muitas vezes contra a ironia e contra o sistema ao mesmo tempo.

O relativismo da concepção crítica de Mário Sacramento é, em tudo mais, muito justo e eficaz, sem excluir as adivinhas de uma imaginação que concebe com largueza sobre a obra e o artista estudados, como na sua explicação da génese do realismo em Eça de Queiroz. Explicado pela passagem do dramatismo, que Eça não conseguiu viver, para a arte de costumes, que estavam sob os seus olhos amadurecidos pela íngente feição ironica — é talvez muito esquemático. Reduzir tão implacavelmente o efeito das influências profundas e decisivas no romancista é, talvez, pouco exacto, e até contrasta com uma observação muito justa que formula logo de início, quando considera a dificuldade de estudar Eça de Queiroz enquanto não existirem trabalhos satisfatórios sobre os restantes membros da geração de 70.

Se Mário Sacramento, ainda jovem segundo suponho, não enveredar pelas limitações sistematizadas — tendência que aflora algumas vezes neste livro — e puser os seus dons de crítico arguto e escritor muito fino ao serviço de uma compreensão cada vez mais larga e mais receptiva, teremos nele, decerto, uma das melhores esperanças da cultura portuguesa no futuro. Entre as edições comemorativas de Eça de Queiroz o seu livro é, ingenuamente, um dos mais perfeitos, mais ricos e mais sagazes. Houve quem não o entendesse assim, pretendendo — e por ele e por todos nós o devemos lamentar.

(Continua na página 14)

FAÇA DE PAPEL

* A Livraria Guimarães começou a publicar, por iniciativa sua, o patrocinado literário de Armando Ferreira, uma «Antologia dos Humoristas», de cuja série serão publicados sucessivamente volumes com crónicas e contos alegres de portugueses e estrangeiros. No primeiro número editado figuram textos humorísticos de alguns dos melhores escritores portugueses do género e um prefácio de Armando Ferreira, em que se combinam a intenção elucidativa e a graça ligeira do seu estilo.

* Em opúsculo da Livraria Portuguesa publicou Mesquita Brehm um estudo sobre a arte da dança e a patinagem artística, intitulado «Canto do Clássico».

* Nas «Edições Universos» publicou Lília da Fonseca «A borboleta azul», contos em verso destinados às crianças, em que falam e vivem os animais, sob uma delicada intenção moral. A poesia da obra, tanto no ritmo singelo dos versos como no gracioso lirismo das historietas, é o melhor penhor da sua mérito literário. Lília da Fonseca vem ocupar com ela uma posição valiosa na literatura para crianças.

* Começou a publicar-se uma colecção de «Jovens prosadores hispânicos», iniciada com os contos de Amândio César reunidos sob o título «Subsolos». Devem seguir-se romances de Manuel Daniel Figueiredo de Oliveira e García Suarez. Pelo primeiro volume publicado na série pode, talvez, afirmar-se desde já que o seu valor será mais documental do que propriamente literário.

* O Dr. Samuel Mala, que tem consagrado grande parte do seu trabalho de escritor à divulgação de normas de higiene e sanidade, apresenta agora ao público um volume intitulado «Boa comida — boa vida». Em estilo claro e simples, como convém ao seu intuito instrutivo e popular, trata de uma orientação do regime alimentar, tão mal cuidada no nosso país.

* Em tradução do prof. L. Cabral de Moncada, publicou a Colecção Atlântida, de Coimbra, o grande estudo científico-filosófico de Friedrich Welschöcker, «Para uma concepção íntica do Universo». Obra de orientação profunda, a sua leitura foi facilitada pela clareza e rigor da tradução, feita directamente do alemão.

LIVRARIA ECLECTICA
LIVROS NOVOS E USADOS

Compra grandes e pequenas bibliotecas

Calçada do Combro, 58 — LISBOA

LEIA TODOS OS SÁBADOS

VITALINA

Um jornal que vale por muitos jornais

Documentário da Imprensa de todo o Mundo



OS RELÓGIOS DE LISBOA

LISBOA não tem, ainda hoje, o seu relógio, bem visível e certo.

É isto não sendo um motivo de honra para uma cidade que quer medir a sua intensidade de vida pelo cronómetro, não é, porém, censurável numa capital de arredores. Não há, nos hábitos lisboetas, a precisão do horário. Anda tudo mais ou menos recuado na questão das horas.

São os comboios que atropelam os horários e chegam ao Rossio quando deviam partir, são os barcos da Outra-Banda que esperam ao sabor das ondas, amarrados ao cais exactamente para que passe uns minutos da largada — porque os retardatários, cheios de raiva, fizeram uma exposição à Capitania.

Não há, pois, força que possa remear contra o hábito.

Nos teatros, nos cinemas, em qualquer espectáculo, nunca se pode começar à hora marcada — porque a empresa sofrerá as reclamações do público.

Mesmo assim — isto é, vinte minutos depois do programa marcar o início, alinda entram pessoas apressadas e barulhentas.

Até nos casamentos, senhores, aparecem os noivos atrasados, que fazem esperar os convidados, o padre, toda a gente...

Lisboa não tem o seu relógio certo, cronometrizado oficialmente.

O do Cais do Sodré anda certo — quando trabalha. Está escondido, entalado, com um alpendre de quatos.

De dia ainda se vêem as horas — à noite, porém, iluminado por qualquer lamparina de corrente, não se diferenciam os ponteiros.

Outro relógio interessante, num ponto alto, é o da Rua Augusta. O lisboeta mal o conhece — e quando ele marca as horas — julga que está parado.

E que, exactamente, os relógios em Lisboa descreditarão-se. Depois para que serviria, na verdade, um relógio certo?

Nas repartições, nas lojas, nas escolas, cada um regula o tempo pelo relógio que traz no bolso ou no pulso.

De modo que não interessam as horas oficiais — quando só há um relógio que as badala.

Nós temos, aliás, um desleixo vilicioso nisto de lidar com relógios. Raras as pessoas que se podem gabar de nunca lhes ter parado o relógio.

A causa infalível é a falta de corda — que nem por ser diária se esquece.

Reparem, depois, nas horas que todos trazem. Nenhum relógio bate certo. Há sempre uma diferença de minutos, de segundos, e alguns regateiam, jurando ter acertado por Londres ou no Cais do Sodré.

Mas alguém acredita que aquele desejo de trazer as horas certas é para cumprilas?

Isto. São, geralmente, os que menos caso fazem dos horários.

É evidente que há necessidade de, pelo menos, termos uma hora oficial — um relógio alto, numa torre, que se torne popular. O do Carmo e de S. Pedro de Alcântara, estando a uma vista de olhos um do outro, atrasam-se nas badaladas sonoras num intervalo respeitável.

O que é preciso, porém, é que essa hora seja obrigatória em todo o lado onde haja ponto.

E que se seabe de vez com as horas reguladas pelo pulso de qualquer patrão que tem validade no seu «Longitude», a que se esquece de dar corda...

MANUEL MARTINHO



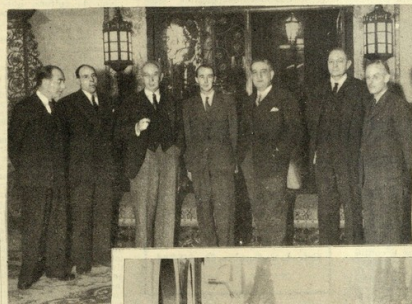
O prédio da Avenida Alvares Cabral n.º 67 a 67-D, projecto do architecto Luis Ribeiro, Cristino da Silva e propriedade de D. Frimeto Cristino da Silva, que ganhou o Prémio Valmor de 1944.

JOHN TALBOT

Na reportagem sobre «Correspondentes de guerras, do nosso prezado correspondente em Madrid, Luis de Quadros, citava-se o jornalista John Talbot como um dos correspondentes falecidos, vítimas do dever.

Comunica-nos, agora, a Reuter Portuguesa, que o sr. Talbot foi, de facto, durante muito tempo, dado como desaparecido na Jugoslávia, mas regressou depois, são e salvo, às linhas aliadas, encontrando-se, agora, ao serviço da Agência Reuter, em Roma.

Gostosamente fazemos esta rectificação, e porque muito nos alegramos com a notícia, daqui saudamos o ilustre jornalista.



No «cock-tail» oferecido, no Avis Hotel, pelo vice-marechal do Ar inglês, Bennett, aos representantes de empresas de aviação e jornalistas.

O sr. prof. Santa Rita falando, junto do jazigo do senhor Conde de Penha Garcia, no 40.º aniversário da Escola Superior Colonial.



Na distribuição de agasalhos do «Socorro de Inverno», os srs. Ministro do Interior, sub-secretário de Assisção e outras entidades.



A sua obrigação diária

É cuidar dos seus intestinos. Tome LAXOBAC ao deitar e, logo pela manhã, os seus intestinos trabalharão com regularidade passmosa.

LAXOBAC tem o gosto do mais saboroso chocolate, que tanto agrada a adultos e a crianças.

LAXOBAC

Em todas as farmácias a Esc. 5850 e 12800 cada caixinha. Lembre-se do nome.

O REGRESSO DO "GONÇALVES ZARCO"

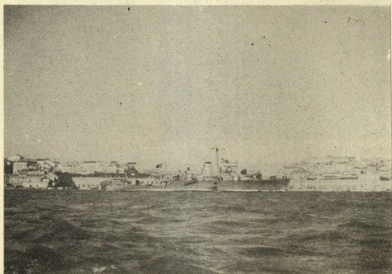
«Gonçalves Zarco» regressou, há dias, ao Tejo, após quase dois anos de estadia nos mares do Oriente.

Comandado pelo sr. capitão de fragata Zola da Silva, largou do Tejo em Abril de 1944 e navegou cerca de 30.000 quilómetros em 2.700 horas, percorrendo a costa de África, até Lourenço Marques, onde então se faziam os últimos preparativos para a expedição a Timor, que não chegou a partir.

Dali, o barco seguiu para Colombo, onde se juntou ao «Angola», que conduzia o sr. brigadeiro Sequeira Varela, comandante das forças expedicionárias. Depois, já com o «Bartolomeu Dias», seguiu para Dili, ambos escoltando o «Angola», onde ia a expedição.

Foi a 29 de Setembro do ano passado que os soldados portugueses desembarcaram na capital timorense, martirizada pela ocupação japonesa.

E é dessa patriótica missão que o «Gonçalves Zarco» regressou agora, tendo a sua chegada sido motivo de grande regozijo.



A entrada do «Gonçalves Zarco» no Tejo



A oficialidade, a bordo



O comandante, capitão de fragata Zola da Silva, desembarcando

NEVOEIRO SOBRE LISBOA

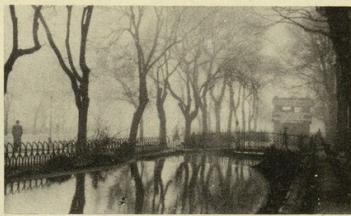
(FOTOS JOÃO MARTINS)



O nevoeiro no Tejo



Uma carroça que vem para o mercado, segue ainda mais vagarosamente que o costume — se é possível...



No Avenida, junto aos lagos



Ficou deserto este rua de capital

(Fotos João Martins)

Há dias, Lisboa apareceu coberta de nevoeiro. — Parece Londres — dizem todos os lisboetas, até mesmo os que nunca estiveram na capital inglesa...

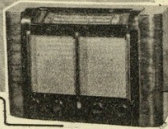
Os automóveis andavam cautelosamente, porque os seus faróis não davam para tanto; os transeuntes não davam um passo sem olhar bem, não fosse surgirem pela frente algum imprevisto candeeiro. E quando, de manhã, se levantaram persianas de janelas e apareceram caras bonitas de meninas lisboetas, interrogando a rua, os seus olhos lindos não viram mais que nevoeiro — só nevoeiro!

— Credo! Parece Londres!
E parecia mesmo! Mas era Lisboa, a mesma Lisboa caprichosa e vária, que, no ano passado, nos apareceu coberta de neve...

RÁDIOS DE SOM MARAVILHOSO!



LANA TURNER



GABA

Jose Costa

AGENTE OFICIAL DE
TODAS AS MARCAS DE
RADIO

RUA DE S. PAULO, 11-13/LISBOA/TEL. 2 4883

Uma meia meia feita
Outra meia por fazer
Se as não comprar nesta casa
Muito terá que coser

MEIA DE VIDRO

RUA AUGUSTA, 168
LISBOA

Porque é que o seu médico aconselha SULFADENTINA?



Porque usar SULFADENTINA representa uma defesa permanente contra as bacterias e torna os vossos dentes saos como nenhuma outra.

CRÍTICA DE LIVROS

(Continuação da página 9)

«O ESPÍRITO E A GRAÇA DE EÇA DE QUEIROZ», por Lusa de Oliveira Guimarães

Possui Oliveira Guimarães a feliz qualidade de espírito que é de ser capaz de apreender plenamente a graça intencional ou fortuita das alitções, das palavras das atitudes. Sabe apreendê-la e sabe exprimi-la, o que constitui virtude intelectual de grande mérito sempre que não perde a consciência das suas limitações. O sentido da ironia pode ser, e é quase sempre compatível com uma percepção mais ou menos fina e vibrátil do significado dramático e triste da existência quando analisada até ao extremo das suas revelações; o sentido do cômico é, na maioria dos casos, superficial, passageiro, até mesmo frívolo — mas quase sempre encantador.

Tem particular sedução, sem dúvida, as crônicas de Oliveira Guimarães em que o sentido do cômico se exprime com delicadeza rara e algumas vezes com elevação da melhor ironia. Os espíritos rigoristas e austeros dirão, decerto, que há em quasi todas as suas páginas uma dose excessiva de frivolidade; mas não será menos certo que o autor deste livro sobre a ironia e a graça de Eça de Queiroz sabe criar através dela uma compreensão elegante e agradável do seu próprio humor.

Ambas as coisas encontramos nas páginas do seu último livro sobre o romancista de «Os Malas». O audacioso mas interessante «pastiche» de uma carta de Fradique Mendes, as duas ou três crônicas ligeiras que reuniu e ordenou no sugestivo volume, a colecção de aneddotas, paradoxos, «boutades» que foi buscar à vida e à obra de Eça; finalmente, a compilação dos versos do romancista — no que houve também, decerto, um compreensível toque de ironia — permitirão-lhe compor um livro ligeiro mas muito atrevido que os admiradores de Eça e os apreciadores do delicado humorismo de Oliveira Guimarães apreciarão igualmente.

«OS ROMANTICOS ANTE-PASSADOS DE EÇA DE QUEIROZ», por Rocha Martins

As comemorações de Eça de Queiroz, pretexto para tanta exhibição de mau gosto, pouca inteligência e cabotinismo interessado, trouxe Rocha Martins o tributo de uma obra séria, paciente e muito útil. A investigação minuciosa e documentada que realizou sobre os ascendentes de Eça pode não ter a elegância literária e a riqueza de psicologia ou de crítica que mais seduzem; mas o trabalho necessário de reunir as informações suficientes sobre aqueles cujo sangue veio a correr nas veias do nosso maior romancista ficou feito e devem agradecer-se ao fidedigno escritor os que se propuserem estudá-lo plenamente.

Notamos neste livro, decerto por motivos de origem profissional, escassas repetições e uma dispersão frequente na ordem informativa, que o autor terá observado antes de mais ninguém; mas a sua documentação é tão rica e as referências que contém muito apreciáveis para que o valor definitivo do trabalho fique diminuído. A intenção, cumprira-se Rocha Martins felicemente. Só é pena que não tenha podido juntar-lhe uma análise de crítica histórica mais profunda em relação ao ambiente em que as figuras investigadas se moveram e uma observação psicológica mais flagrante que as teria definido perfeitamente em relação ao homem de génio que precederam.

Em muitas das páginas do livro salientam-se as virtudes e as intenções generosas que impressionam o homem de magnífico «panache» e o escritor de corajosa atitude intelectual e moral que é Rocha Martins. Só contribuir, aliás, para o maior interesse da obra, cuja erudição meticolosa poderia fatigar algumas vezes.

UM MELHOR A FACE

(Continuação da página 8)

própria pele para enxertar no ferimento. Puseram logo à disposição o médico para o que fosse preciso. Fizeram-me uma operação dolorosa, mas souri de boa vontade para agradecer agora a alegria de ter contribuído para a conservação da formosura da princesa que me amava.

— Muito bem! — exclamou o pintor, entusiasmado. — E donde foi que tiraram a pele?

— Daqui! — apontou o homem, com um ar muito satisfeito.

Não sei se levantar para mostrar o atilão...

O pintor, quando soube o que amava da princesa em meu caso, desmaiado...

... ..

Voltei a ouvir o Teodoro. Aí estava ele na minha frente, o rosto cada se de minha frente, o rosto cada vez mais contraído (lá vem o espírito), a contar-me a história do beijo na face. Não sei porquê, interrompi-lhe o monólogo com esta pergunta:

E oia lá, amigo Teodoro! Não sabe se a princesa teve algum desastre de automóvel?

— Eu não sei! — respondeu. — Mas a que propósito veio isso!

O Teodoro, é claro, não percebeu a pergunta. Antes assim.

História da Guerra

(Continuação da página 6)

para a China, que entra agora no sexto ano de guerra.

Depois de haver, assim, dado uma ideia bastante precisa dos planos militares concertados em Casablanca, Roosevelt passou a occupar-se dos problemas políticos, usando de inteira franqueza para os jornalistas que o escutavam. «A paz, disse ele, só será conseguida no dia em que alcançarmos a eliminação completa do poderio militar do Hetch e do Japão. A propósito devo recordar que o nosso grande general Grant ficou na história com o nome de rendição incondicional, por visar os mesmos objectivos que nós actualmente visamos. Hoje a Alemanha, Japão e a Itália terão de aceitar a rendição incondicional dos seus exércitos para que no mundo possa finalmente estabelecer-se uma paz razoável e justa. Isto não quer dizer que procuremos o extermínio dos povos desastados, mas que desejamos preparar ao mundo uma paz da qual estejam para sempre banidos o ódio, o dolo racial e religioso e o espírito de dominação.

Foi nessa altura que o Presidente sugeriu aos jornalistas que deviam chamar à Conferência de Casablanca a Conferência da rendição incondicional», nome com o qual ficou efectivamente conhecida.

(Continua)



UMA GOTA DE «HERPETOL»

o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todas as causas de ECZEMA (humido ou seco), crustas, feridas, urticarias, erupções na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$000



LI recentemente, atribuída ao crítico Moniz Barreto, a opinião de que os melhores homens de letras da sua época (Moniz Barreto nasceu em 1863 e faleceu em 1890), tinham manifestado um total desinteresse pelo teatro, não tendo surgido, de entre eles, um só que se dedicasse essencialmente literário. Salvo o devido respeito que me merece o eminente crítico, creio que as coisas não são realmente assim. Bem pelo contrário. Conversemos um pouco a este respeito.

O teatro, porventura a mais antiga forma literária, exerceu sempre sobre os homens de letras uma espécie de fascinação. Raro será o poeta, o romancista, o novelista, que, alguma vez, não tenha desejado fazer uma peça e vê-la representada. O teatro, aproximando o autor da multidão, oferece-lhe todos os aspectos, preciosos mas tentadores, da publicidade e da popularidade. É certo que o fracasso duma obra teatral pode assumir uma retumbância a que não está sujeito um poema ou um romance — não conhece nenhum caso em que o autor dum livro, mesmo póstumo, tenha sido corrido pelo público à bengalada ou, mais nutritivamente, à batata-moa se essa obra triunfa, à luz da ribalta, a impressão do sucesso é, pôde dizer-se, instantânea; o escritor é imediatamente célebre em menos de duas horas. Por outro lado, o teatro é, como a tribuna, um meio rápido de comunicar com o público — para o fazer rir, para o fazer chorar ou até para o fazer dormir. Dalí o seu valor, e social. Quando António Enes faleceu, em 1890, a pasta da Marinha e Ultramar, alguém da opposição perguntou ao general João Crisostomo, que era o Presidente do Conselho, que fazia Enes que o indicasse para uma pasta naquele momento tão grave como a do Ultramar e Marinha. João Crisostomo respondeu, sem hesitação:

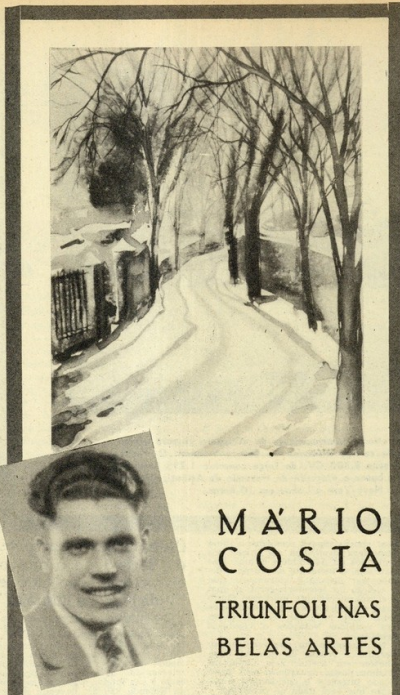
— O que fez ele? Foi o *Lazaristas!*
Seirmos bem, verificaremos (ao Inverso da opinião de Moniz Barreto), que quasi todos os nossos grandes vultos literários do século XIX fizeram, ou pelo menos tentaram, fazer teatro. Nem todos foram felizes? Nem todos obtiveram êxitos repletos? Nem todos mesmo conseguiram ver representadas as peças que escreveram? É verdade. Por outro lado, se se disser que o período não foi absolutamente glorioso, que se iniciou com o *Duque de Viseu*, de Henrique Lopes de Mendonça, o renascimento teatral que produziu, em duas décadas, algumas obras primas, se se disser que esse período não foi absolutamente glorioso, não a arte dramática portuguesa, também é verdade. Mas afirmar, como Moniz Barreto, que alguns dos melhores homens de letras da sua época viveram desinteressados totalmente do teatro afugura-se-me contrariado pela realidade dos factos. Senão vejamos alguns exemplos elucidativos. Casto Herculano — fez teatro; escreveu pelo menos um drama, *Os Infantes*, em 1840, e até (calculém!) musicado. Como disse teatro. Quem se não recorda dessa admirável caricatura: *«O Morgado de Fafe em Lisboa!»* A grande paixão literária de Júlio Diniz não foi o romance, mas o teatro. Deixou-nos seis ou sete comédias que — dizia ele — eram as melhores flores do seu jardim. João de Deus apreciava o teatro, traduziu várias peças e houve quem lhe ouvisse uma vez que ainda não existia nada como uma boa comédia para se fazer uma excelente digestão. Filhal toda a sua vida sonhou com o teatro (teria dado tudo para ser um grande autor dramático), e como nunca conseguiu realizar esse sonho, adoptou, com frequência, o papel da raposa que não podendo chegar às uvas as desdenhava, chamando-lhes verdes. De teatro se occupou como crítico e autor Tróvão Braga. Do grupo dos «Venícios da Vila», aquelles dos seus componentes, que eram fundamentalmente escritores, todos manifestaram um significativo interesse pelo teatro. Ramalho — a quem se deve, entre outras, a tradução do *Morgado de Ffienery*, uma das corvas de glória de Augusto Rosa — não faltava às

estrelas sensacionais. Eça de Queiroz gostava imenso de teatro, foi actor — ele próprio escreveu e angariou os seus triunfos, na mocidade, como amador dramático — verteu para a nossa lingua o *Phanizote* de Jean Charly, e projectou, pelo menos, duas grandes peças, uma, a *Morte do Diabo*, que participaria da opereta e da mágica, outra, de fundo filosófico, cuja acção se entrelaçaria com a vida do Sr. e Sr. Gil Junqueiro, como todos sabem, escreveu de colaboração com Guilherme de Azevedo, uma revista para o Ginásio, a celeberrima *Viagem à roda da Parvónia*, que scandalizou uma época. Não se julgue, porém, que se tratou duma momentânea excentricidade literária do grande poeta da *Musa em Fférios*. Não Junqueiro teve sempre a ideia de fazer teatro e, de vez em quando, convidava alguns dos seus camaradas das letras para collaborarem com ele em comédias e dramas. Simplesmente, como diz Raúl Brandão nas suas *Memoórias*, Junqueiro limitava a sua colaboração a dar o cenário — e o final do primeiro acto, e ficava por ali. Depois, era Eça de Queiroz, surgia-lhe a ideia de escrever um drama com Augusto de Castro, que naquillo tempo se encontrava também a fazer a sua cura. A peça teria três actos, um prólogo e um epílogo, e voç a voz, em volta d'um profundo conflito amoroso.

— Eu faço em verso o prólogo e o epílogo, e voç o acto. E para o acto do *Fumo do meu cigarro* — faz o resto...

Uma tarde Junqueiro, ao falar-me desta obra que nunca passara de pensamento, sublinhava um sorriso, coçando as barbas:

— Foi uma ideia produzida pela crise das águas. Passou...
Além de Ramalho, de Eça, de Junqueiro, igualmente o conde de Arnoso e o conde de Sabugo se dedicaram ao teatro, o primeiro com a peça lírica *O suave milagre*, o segundo fazendo o arranjo do Auto da Festa, de Gil Vicente. O próprio António Cândido era, não apenas um erudito conhecedor de teatro — como o prova a magnífica introdução ao drama *D. Pedro*, de José de Sousa Monteiro — mas um frequentador de «São Carlos» e do «D. Maria». Mas de todos os «Venícios» que mais entusiasmos tiveram pela litteratura dramática — mais entusiasmos e, afinal, mais desluzes — fora Oliveira Martins. Quatro peças — quatro pelo menos — ele escreveu, sem nunca ter encontrado um empresário que lhes pusesse em cena. E Oliveira Martins!
Não. O teatro exerceu sempre sobre a maior parte dos poetas, dos romancistas, dos historiadores — sobretudo do século XIX — uma espécie de fascinadora tentação. Ainda não há muito em doo nossos mais illustres escritores (que nunca sentiu o arrepor do homem de teatro, me invejava — a mim, pobre franciscano literário!) — não ser autor... duma das minhas revistas...



MÁRIO COSTA TRIUNFOU NAS BELAS ARTES

MÁRIO Cota, artista notável e dos mais expressivos valores da moderna geração, acaba de triunfar neste último Salão de Inverno, recebendo, justamente, o Prémio Roque Gameiro.

O publico habitua-se, desde há muito, a distinguir os trabalhos d'aquelle illustre artista.

De facto, Mário Costa alla ao seu bello temperamento impressionista uma concepção humana da arte.

Para ele existe mais qualquer coisa do que sentido estetico do bello — é a alma — com as suas inquietações, dúvidas, sofrimentos, toda a ambiência dolorosa em que o mundo se debate e que, por reflexo, cria no artista o sentido humano na arte.

Inserimos, aqui, a suggestiva aguarela do artista, «Neve em Sintra», que obteve o Prémio Roque Gameiro, conferido pelo Secretariado Nacional de Informação.

L. MAITRE & FILS S.A.

Raparigas! leiam Joanna a quer

por MARIA LUCIA Este livro encantador, é o quio mais seguro da vossa felicidade

A venda em toda a parte Pedidos à Editorial «Os Nossos Filhos», L.ª Rua de Infantria Dezasseis, 69-2.ª — LISBOA

NO SÍTIO DA AITO- -PUBLICIDADE

A publicidade é das principais finalidades da existência humana. O homem arrasta-se neste vale de lágrimas, entre ouros ou espadas, empenhando a tarefa de fazer a publicidade de si próprio.

A ambição dominante de todo o indivíduo se vê conchecido é ter um dia a suprema ventura de ver a cara estampada num periódico; é conseguir tornar-se um termo em evidência no complexo polinómio social.

Com esse intuito à maneira de marca registada imprimem no todo uma série infinita de traços distintivos: uns, deixam crescer o bigode, outros usam monóculo, outros ainda, as calças muito curtas, as meias amareladas ou as gravatas escarlates. — Não conhece fulano? É aquele rapazião moreno com um bigode à Errol...

De facto, a identificação é mais fácil.

É a sociedade, com as suas formalidades, com as suas complicações de etiqueta, seu jeito ao homem a realização do seu desejo de se tornar conhecido.

Sentados pacatamente à mesa de um café, é raro que não se conheça um amigo acompanhado de um desconhecido. A apresentação é fatal.

— O meu amigo fulano de tal... O senhor cicerão, empregado distinto da primeira loja de modas de Lisboa.

Está a publicidade feita.

Outras vezes num aperto de um «ceticismo», no ramão do dia a dia, travase conhecimento com o senhor X atarefado, a propósito de «quer fazer coisa...» despida misturado com o amueto prazer em conhecido, o senhor X mete-nos na mão o seu prospecto de propostas e um cartão de visita em que se enumera um batalhão de profissões, um rescaldo de interesses e de cargos honoríficos.

Mas a auto-publicidade na escala cronológica da vida, toma aspectos variados. Na fase da adolescência começa-se por imitar a paternidade no «par de olhos» de tal... e as mulheres afectando desejos prematuros...

Tudo isto para marcar um cunho de originalidade, para conseguir que se refriram a nós com esta frase tão linda: «Quer procurá-lo, meu amigo?». «Vá a tal parte que toda a gente lhe diz quem é...»

Depois chega a maturidade e os metos de propaganda são outros: lançam-se panfletos, acabam-se no «fox» a prémio, as composições poéticas, as discussões em voz alta e, por fim, o casamento.

Essa é a mais desastrosa e a mais displicente publicidade. Mas, também, traz as suas vantagens.

Aos ricos deixa a posteridade magníficas fontes de recordação: os filhos, aos estêreis e aos cateloneas, traz a vótipa de verem, no dia do «entim são», desenas de olhos curiosos num passeio minucioso ao longo da casaça impecável ou do véu vaporoso.

Chega finalmente a idade em que se começa a tecer elogios às calças de reforma e às pantufas de feipia. Então, perdida a esperança do nome no jornal, sem ser na secção da neologia, começam afanosamente as inscrições nas cruzadas de bem, a organização de festas de caridade, a comparação assídua nas associações, a grandeza das associações de Socorros Mútuos, na mira do título pomposo de humanista.

É curioso no que se refere a esta extenuante preocupação, a Humanidade age, em nós, exactamente com uma solidariedade que delumbra. Auxiliam-se todos uns aos outros.

Há mulheres que se conhecem quem além da sua publicidade feita através de cableteiros chiques e de costurelas de moda, se dedicam a fazer a publicidade dos maridos, com rasgos de altruísmo, na ânsia de se tornarem notáveis.

Mas — as mulheres são assim... fazem-na, às vezes, em condições desastrosas.

Al. delest...

CARLOS RUAS



Uma curiosa fotografia do abastecimento do «Clipper» gigante «Constellation», feito pelo serviço «Intava» da Socony-Vacuum. O «Constellation» com os seus 8.800 CV. de força consome 1.295 litros de gasolina por hora e bateu o «records» da travessia do Atlântico voando de Nova-York a Lisboa em 10 horas.

O recontra Spaaak-Lie

(Continuação da página 19)

verreiro de 1941. Em 1940, desempenhou temporariamente as funções de ministro dos Negócios Estrangeiros, cargo que presentemente ocupa.

Alguns observadores entreviram nesta votação um significado manifesto das tendências dos delegados da U. N. O. Porém, todas as conclusões foram extemporâneas. Como já teve ocasião de verificar quem tiver seguido as subsequentes fases da reunião, ainda não se registaram manifestações definitivas e limitáveis. O que indiscutivelmente produziu grande efeito foram o espanto e a surpresa revelados pelos russos ao verificar que, apesar de apoiados pelos Estados-Unidos, tinham fracassado em conseguir o número de votos necessários à eleição do candidato que Gromyko propusera. Este favoritismo manifestado pela União Soviética e pelos Estados-Uni-

dos contra Spaaak condensou uma atmosfera dramática no início dos trabalhos da Assembleia e, mais que não seja, o incidente serviu para demonstrar directa e claramente que a eleição do secretário-geral, o qual é comparativamente um cargo muito mais estável e sob todos os aspectos muito mais influente, será disputada em renhidas votações e vigorosos debates.

No momento em que escrevemos, perante a recusa do general Eisenhower em aceitar este importantíssimo posto, aguarda-se com justificado interesse e curiosidade a solução que será dada ao problema.

O Livro do Momento
A PRIMEIRA ALIANÇA
PORTUGUESA
Por RAFAEL MARÇAL

Distribuição dos prémios do sorteio do número extraordinário do Natal de «Vida Mundial Ilustrada»

Encontram-se à disposição dos contemplados os prémios do sorteio do nosso número extraordinário do Natal. Muitos deles já foram entregues. Como, porém, ainda não foram reclamados os restantes, informamos os interessados de que, esses prémios estão à sua inteira disposição na Rua da Emenda, 69, 2.º, devendo ser levantados, contra a apresentação do respectivo cupão», até 31 de Março, para os premiados do continente, e até 30 de Abril para os de África, Ilhas, Espanha e Brasil.

Como se esgotou completamente o número de «Vida Mundial Ilustrada» que publicava a relação dos números premiados, informamos todos os interessados que essa relação será publicada novamente no número do próximo sábado da nossa edição «Vida Mundial» (jornal).

A Brigada de Emissora Nacional nos mares da Terra-Nova

(Continuação da página 18)

para a América, viríamos cinco e fomos sempre bem recebidos, muito em especial pelos funcionários de Rádio, que nos trataram carinhosamente. Nestas visitas, costumávamos transmitir a bordo música portuguesa.

— Apreciavam as nossas canções? — Imenso; juntavam-se nos cais verdadeiras multidões para ouvir. Olhe, uma nota curiosa: — calcula o que em todos os portos nos pediam mais para tocar?

— Quasi que tenho a certeza...

— Pois pode ter que não se enganou: o «Tiroloos».

— Precisamente!

— Fez-lí um sucesso enorme. Pediam também fados, que apreciavam muito.

— Quando terminaram a estadia na pesca vieram directamente para Portugal?

— Não! Fomos à América do Norte, onde fui

entrevistado pelo Jorge Alves para a N.B.C. Foi a chave de ouro que fechou a nossa viagem e que fez com que se realizasse uma profecia...

— Uma profecia?

— Quando o Jorge foi para a América, no alampo de despedida, todos nós escrevemos uma lembrança nas ementas. A minha foi: — «Dentro de um ano vou abraçar-te». Torna a dizer isto quando lhe dei o último abraço em Cabo Ruivo; e o mais curioso é que cumpri a promessa em seis meses!

— Metade do tempo!

— Exactamente! Resumindo: — Foi uma viagem excelente, onde tive o trabalho mais interessante de toda a minha vida. Trabalho cheio de emoções, onde vivi momentos que nunca mais esqueceré!

— E aqui terminou a nossa conversa com Carlos Ribeiro, chefe dos Serviços Externos da Emissora Nacional e incansável trabalhador da Rádio, o homem que viveu junto dos nossos pescadores nos mares da Terra-Nova e da Groenlândia.

EÇA DE QUEIROZ

CHEGOU AGORA MESMO DE PARIS!

Por MANUEL MARTINHO

EÇA de Queiroz está cansado. Nota-se no rosto afadigado, onde o monóculo continua a faltar, o desalento — o tédio.

Chegou, há pouco, de Paris. Ainda não espiretou a cidade, a essa hora quieta, na modorra doentia da inverneira, Lisboa repousa. Deram três horas em S. Roque — e já algumas galeras, ajudadas de hortaliças, aos solavancos, entram na Travessa da Palha.

O «Bragança» está na mesma. O cheiro a bafo ainda não fugiu dos corredores — e as chamadas do gás, a zuniir, põem nas paredes arabescos. O «Express» atrasara-se uma insignificância de noventa minutos no percurso espanhol, o que, acrescido ao da zona portuguesa, perfazia o retardo de três horas e tal...

Depois, a Alfândega — aquela sonolenta e burocrática fiscalização acabou por lhe arrazar os nervos. Viera de Paris cheio de saudades. Havia de dar um pulo ao Minho, abraçar dois amigos, conversar com Ramalho e passar pelo «Turfe», ouvir, à porta da Havanese, os escandalitos dos políquetiros. No combóio vinha ardeado de projectos. Que diabo! Era preciso fazer alguma coisa por este pedaço de terra!

Mas quê. Mal a «tipóia» se pôs a correr ao «Bragança», com as malas de cantoneira — a cidade enlameada, suja, negra, deus! — um irreprimível sojo. Fechou as cortinas da «tipóia». Bateu à porta do hotel, profundamente adormecido.

Nada. O cocheiro, desesperado, fez à porta o que o cavalo lhe costumava fazer quando o picava.

E, talvez por conhecer melhor aquela linguagem, a porta abriu-se, e um criado ensonado, dizendo que só havia um quarto, arrastou as malas...

Eça pagou principicamente ao pulha do cocheiro, «que para ser par ao meu fidalgo, é o que queiser...» (dissera o malandro arregalando o olho à gozeta).

O quarto era estreito — e humido. Eça lembrava-se de sua casa, no Rossio, com janelas escancaradas, por onde os pássaros, a chilrear, entravam.

Saudosamente veio-lhe à memória aquele barulhento quarto de S. Pedro de Alcântara, com os dois cônegos paredes-meias, e os gritos revolucionários de Antero, estranhado na cama, o Santo Antero, já aureolado de glória. Depois, era o seu tempo, em Évora, metido num cubículo, escrevendo o jornal de ponta a ponta.

Oh! senhores, que tunda! Ele era a oposição. Pagavam-lhe por isso. Évora era um desterro — uma cidade vil, pitoresca, para se ver em bilhetes postais.

A Capela dos Ossos — o orgulho daquela gente, por montões de tibias, dava-lhe vontade de rir.

Bem melhor — o quejo, os quejinhos

de Évora, de leite de cabra, saborosos, comidos com o pão espanhol.

Então pensou que, em Portugal, andava tudo adulterado: as ideias e a comida. E teve logo receio da comida do hotel — cozinhada por galego com paladar francês.

Estragavam tudo. O tasco já não fazia caldo-verde — mas *consomé*. As alheiras, o lombo de porco, a boa cabidela de peru, a arrozada de capão, os ovos queimados — que deliciavam Acácio — tinham passado de moda. Nunca mais se comeu em termos. A cozinha francesa, mal copiada, insípida, sempre com molhos e refogados, aumentara nos portugueses as dispepsias — dera à raça o amarelado terroso das faces, que a fizesse, numa guerra intestina.

E Eça, estragando as pernas, viu-se, depois, no António das Caldeiras, em Belém, certa noite que lá foi com o Preparado Reis cercar peixe fresquinho, preparado deliciosamente. Fizeram versos. Dinheiro, que não havia, arranjou-se depressa em casa dum amigo, acordado de surpresa, ali a dois passos, em Alcolena. Afinal, Lisboa podia ser uma cidade bela. Tinha uma vida surpreendente. O conselho, não, porque tivesse visto as outras cidades, afirmou mesmo que a nossa Ulisses nada ficava a dever a essa Paris, a essa Londres.

O Tejo, manso e azul, dava imponência ao porto.

Aqui vinham civilizações diferentes. Cruzavam-se as raças — chegavam os banheiros, os turistas e a cultura europeia canalizada pela Mala Real. Unicamente isto não progredia — porque os políticos em vez de governarem o país, governavam-se a si.

S. Bento era, à parte os robustos talentos da oposição — que, aliás, também reconheciam ao governo algum talento — um teatro de declamação, lírico ou desportivo, conforme o remate: ou do verso ou do muro.

Dinheiro, não havia. O país, moribundo, esperava de mãos postas que a Alfândega desse as receitas das pautas — e que a Fazenda, com a pata no gasteiro do contribuinte, cobrasse os impostos para se aguentar, anémico, ulcerado, no conceito forte dos povos livres.

A corte, pobre, velha, tinha caruncho no trono — e dividida nos cofres. Todos os dias, os jornais, liberalmente insultavam o rei — como se fosse ele o causador da ruína — num país decomposto, desgastado, sem ordem nem trabalho.

Agitavam-se as ideias. De França, como um sopro, vinham os gritos de revolta, reivindicações de operários, estatutos, protecção ao trabalho. Aqui — onde ninguém queria fazer nada — deitavam-se bombas e davam-se vivas.

Depois — veio a polícia. A vida voltou à mesma. Os políticos retrataram os seus



lugares. De quinze em quinze dias um Ministério. De vinte a vinte anos, uma lei. Todos beravam — mas ninguém, sincera e caladamente, era capaz de ir ao encontro do povo para o vestir, que andava nu — e para lavar o país dessas nódoas sociais que chocavam toda a Europa (que já conhecia a casa de banho).

E Eça sorria. Mas, afinal, para que estava a pensar nisso?

Ele não era político. Se aceitara aquele lugar de cônsul (onde prestara boas provas), era porque reconhecia que o barcharelato trazido de Coimbra ia ficando sem aplicação. Andaria, toda a vida, por Lisboa, a escrever duas coisas para a «Revolução de Setembro» ou a caturrear com essa ramalhista figura que andava léguas com as possantes pernadas de homem da montanha. O dinheiro que ganhava mal lhe chegava.

Que risoi! Um diplomata tem o seu convívio. Ele em Londres ou em Paris não se podia manter com uma casaca verba, que, na capital do reino mal lhe daria para umas casacas o «Marrars» e três passetas à Sintra.

Além disso, um cônsul — e como ele — habituado às casacas caras, aos sapatos de verniz, não poderia ir às recepções como um elegante do Paseio Público. Toda a gente sabia, aliás, os calotes de Portugal. Qualquer banqueiro de Londres tinha título de empréstimo — e falava do país com a pseudo-autoridade de quem é credor...

Eça, porém, queria provar que dentro dessa pobreza — o país era honrado, sério e cavalheiro. Evidentemente que uma corte que nem sequer pagava pontualmente aos criados — di-lo Fialho — muito menos se preocupava com os diplomatas (que eram de uso externo).

Por isso mesmo Eça escrevera a Ramalho para, junto de Andrade Corvo (então nos Negócios Estrangeiros), interferir no aumento dos honorários.

Mas, na carta, havia dureza, imposi-

ção — ameaçando até «que publicaria um livro que arrastaria tudo se não viessem, na volta do correio, mais uns francos».

Eça de Queiroz traça a pena. Abre a cigarrreira, uma esguia cigarrreira egípcia. As espirais de fumo sobem ao teto. Um assomo de tosse chega-lhe à garganta.

Do bolso do colete branco tira um frascozinho de sais que aspira lentamente. Depois, ajoalhando o bigode que lhe pendia ao canto da boca, deixa transparecer um sorriso. É que ele parece estar a ver a cara do seu velho amigo do colégio da Lapa, no Porto. Ramalho ficara furo. Trouxera correspondência. Chamou aquele processo de extorquir dinheiro — «chantage».

«Chantage» porquê?

Seria, se ele, Eça de Queiroz, não tivesse o livro pronto a sair. Tinha-o. Tratava-se, pois, unicamente, de sustentar a publicação — e evitar o escândalo.

A «chantage», neste caso, devia partir do Governo, que comprava com ouro — aquilo que um escritor e um patriota devia mostrar ao país.

Mas como poderia Andrade Corvo saber que, ele, Eça de Queiroz, tinha um livro desse género, se ninguém lho dissesse?

O favor de Ramalho seria uma cumplicidade... edificante e salvadora, pois daria apenas isto: «Eu sei que fulano tem um livro assim. Se V. quer eu digo-lhe que não o publique, compreando-lhe o manuscrito por X».

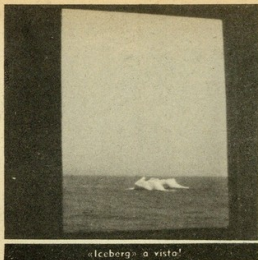
Orá já está.

Eça dá uma gargalhada. O relógio bate a quatro horas da manhã.

Bonito, depois dessa viagem daquelas ainda não pregara olho!

É cansado, o monóculo ainda a faltar, o grande escritor abre a cama.

Dai a três dias voltaria para Paris. Mas queria regressar tranqüilo, com a certeza de que Ramalho Ortigão, seu grande amigo, já se não lembrava da «chantage».



Iceberg a vista!



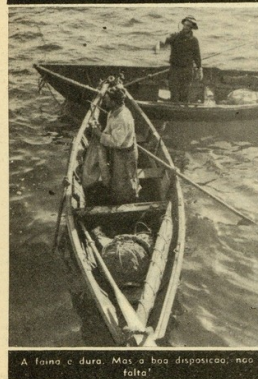
Vamos lá! Podia ter sido pior!



Carlos Ribeiro, ao microfone, fala para os pescadores



E eles aí vão!



A faina é dura. Mas a boa disposição, não falta!



Na pesca do bacalhau, pode, um bom fotógrafo, colher lindas imagens como esta

BRIGADA DA EMISSORA NACIONAL NOS MARES DA TERRA-NOVA

UM ENTREVISTA COM CARLOS RIBEIRO

MUITO se tem escrito sobre a pesca do bacalhau nas regiões longínquas da Groenlândia e Terra-Nova, onde todos os anos milhares de portugueses arriscam a vida nos seus pequenos estórias, umas vezes lutando com o nevoeiro densíssimo, como lúgubre manto, ou o «iceberg» errando como fantasma pelo mar, ou o navio que na sua rota lhe pode ser fatal. Felizmente, para esses heróis obscuros já vai longe o tempo em que se encontravam isolados meses sem fim, sofrendo as inclemências do clima com as suas tormentas gigantes, sem que um peito amigo os confortasse, fazendo-lhes olvidar a nostalgia da Pátria distante, onde os entes queridos oravam por um feliz regresso. Já vai longe esse tempo, e ainda bem. Os nossos pescadores de bacalhau sentem-se hoje mais amparados na sua árdua labuta, porque sabem que bem perto deles está um pouco da sua Pátria e sob a bandeira da Nação estão outros amigos que velam constantemente pela sua segurança e sempre prontos a proteger e a confortar.

Esse pedaço de Portugal que todos os anos se desloca para tão longe nessa nobre missão de que foi incumbido, é bem conhecido de todos os pescadores das regiões polares: chama-se «Gil Eanes». Porém, este ano, a Emissora Nacional teve uma outra iniciativa que merece gerais aplausos, enviando a bordo do referido barco, uma brigada técnica para captar sons e que ao mesmo tempo foi um traço de união que fez diminuir a distância entre os bravos pescadores e a terra natal.

Não só por se tratar da primeira brigada de Rádio no mundo destacada para acompanhar os barcos da pesca do bacalhau como também pelo alto significado da viagem, não podemos deixar de nos referir a essa simpática iniciativa da E. N. Dirigida esta brigada o chefe de Serviços Externos da E. N., Carlos Ribeiro, nome bem conhecido na Rádio, técnico competentíssimo, cujas invulgar qualidades explicam bem a sua nomeação para tão honroso como difícil cargo. Procurámo-lo para saber tudo quanto nos pudesse dizer da sua actividade e impressões da viagem.

— Diga-nos, Carlos Ribeiro, qual a sua impressão do navio? — Recostei-me no «maple», e como se sentisse transportado de novo aos mares do norte, responde: — Excelente!... Não podia ser melhor!

— Quanto tempo se demorará? — Cinco meses, visitámos os «banhos» da Terra Nova e Groenlândia a bordo do «Gil Eanes», acompanhando os pescadores do bacalhau.

— Uma iniciativa bastante simpática! — Sem dúvida. Não faz ideia o que ela representa para os nossos pescadores... Um exemplo entre muitos: quando chegámos a bordo do «Gil Eanes», havia cerca de dois meses que não recebiam notícias das famílias, eram nós que levávamos a tão desejada correspondência... E indiscretivei a aneddotas desses homens habituados a tudo, acercando-se do navio para receber as car-

tas!.. Feita a distribuição do correio, transmitimos pelos alto-falantes instalados a bordo, um programa de música portuguesa...

— Música regional, fado!... — Sim!... Um pouco de tudo! Era curioso vê-los dançar, como se as saudades da terra natal se tivessem desvanecido!... A seguir ao programa, transmitimos a «Hora da Saudade», que lhes era dedicada... Então, aqueles rostos enegrecidos pela vida do mar, até ai alegres, tornavam-se ansticos, de olhos fixos nos alto-falantes, esperando febrilmente as vozes queridas das mães, das esposas ou dos filhos, que havia meses não escutavam! Terminada a transmissão, tocámos a «Portuguesa». Era verdadeiramente emocionante a expressão daqueles homens rudes, de pé nos seus estórias, cabeças descobertas com lágrimas de saudade rolando pelas faces.

— Repetiram os programas? — Todos os dias, fechando sempre com o Hino Nacional; e a cena era, invariavelmente, a mesma!

— Havia outras brigadas de som estrangeiras? — Não!... Na viagem que fizemos, batemos três «récords», chamemo-lhe assim: foi a brigada de rádio que pela primeira vez acompanhou os pescadores do bacalhau; a primeira que se deslocou mais longe do seu país e também a que esteve mais próxima do Polo Norte.

— Sobre camaradagem entre os pescadores portugueses e estrangeiros? — Excelente! Mas principalmente com os espanhóis e franceses. Uma nota curiosa sobre isso:

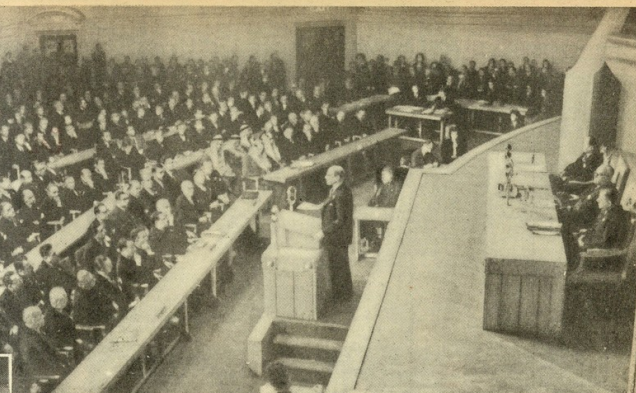
«Até à data em que a França entrou na guerra, eram os pescadores franceses que tinham melhor assistência e que gentilmente a prestavam também aos nossos, visto que os portugueses na altura ainda não tinham assistência própria. Quando começaram as hostilidades, os franceses deixaram de ir à pesca do bacalhau, reaparecendo no ano passado, mas sem assistência! Foi, então, que Portugal pagou à França a sua dívida de gratidão, prestando o «Gil Eanes» toda a assistência necessária aos seus pescadores».

— Qual a sua opinião sobre a maneira como são assistidos os nossos pescadores? — De facto, muito tem feito, mas sou de opinião que se deve cuidar ainda mais desse problema. É preciso não esquecer que são 3.000 pescadores, e como uma esola na Terra-Nova e outros na Groenlândia, cuja distância é de cerca de 7 dias de viagem, o «Gil Eanes» é insuficiente, apesar dos esforços do seu comandante e tripulação.

— Sobre gravações? — Fizemos bastantes, que são verdadeiros documentos gravados em algumas canções do folclore da Terra-Nova, que serão transmitidas dentro de dias na E.N. Contribuiu bastante para o bom êxito desse trabalho, o operador técnico Almeida Santos, que foi um colaborador precioso e incansável.

— Vistam alguns portos? — Alguns! No regresso, quando nos dirigíamos

(Continua na página 16)



Mr. Attlee, cumprimento a Assembleia da «UNO»

NARRAÇÃO DA ASSEMBLEIA DA U. N. O.

entre Spaa e Lie

por José Correia Ribeiro



Paul Henri Spaa, que foi eleito presidente da Assembleia da «UNO»

QUANDO às quatro horas em ponto do dia 10 de Janeiro de 1946, o dr. Eduardo Zuleta abriu duas pancadas da praxe com um martelo de madeira sobre a mesa doatada diante da qual estava sentado e declarou, em correcto francez: «Minhas senhoras e meus senhores, está aberta a Assembleia, o mundo suspendeu momentaneamente a respiração».

Iniciara-se uma nova era politica-diplomatica, cujos resultados a Humanidade aguarda, simultaneamente, com esperança e ansiedade.

Seguidamente, o delegado sul-americano, na sua qualidade de presidente temporário, pronunciou o discurso inaugural, pondo em destaque os objectivos das Nações Unidas ao reunirem-se naquela assembleia. Referiu-se aos princípios exarçados na Carta das Nações Unidas e, significativamente, terminou por chamar a atenção dos presentes para o facto de ter recaído, sobre o obscuro delegado de uma pequena republica sul-americana, nem quaisquer pressões de força militar ou potencial económico, o privilegio unico de abrir a Assembleia.

Depois subiu à tribuna dos oradores o Primeiro-Ministro britânico, Clement Attlee. Curiosamente aplaudido, recordou ter tomado parte activa na Conferência de S. Francisco, e focou perante a Assembleia o ponto de vista de que a liberdade do individuo no Estado era o complemento essencial da liberdade do Estado na comunidade mundial de nações. O aparecimento da bomba atómica — disse — colocou os povos na alternativa de escolher entre a vida e a morte. Apoiou para o espirito de esperança e de compreensão de todos os homens e mulheres, terminando magistralmente o seu discurso com a afirmação veemente e

sincera de que quem estava ali reunido neste velho lar de Liberdade e da Ordem queria e devia fazer triunfar os objectivos comuns pelos quais «milhões de homens e mulheres valentes sofreram e morreram para que pudessemos viver».

Assim terminaram os discursos formais. Tratou-se logo a seguir da eleição do primeiro presidente da Assembleia, o que deu origem aos primeiros debates cordialmente reñibidos. A apresentação dos candidatos provocou surpresas e preocupações momentaneas.

Paul Henri Spaa, ministro dos Negocios Estrangeiros da Bélgica e um dos mais habéis oradores parlamentares do continente europeu, foi eleito presidente por uma maioria de cinco votos. Contrariamente ao que se previa, Spaa não foi eleito por aclamação geral dos delegados. Inesperadamente, a Rússia e a Polónia apresentaram a candidatura de Trygve Lie, ministro dos Estrangeiros da Noruega, o qual também teve o apoio dos Estados-Unidos. A Grã-Bretanha e a França, por sua vez, votaram em Spaa, exemplo que foi seguido por quase todas as nações pequenas. Daqui resultou uma maioria de 23 votos a favor de Spaa contra 23 a favor de Lie.

Nascido em 25 de Janeiro de 1899, Spaa formou-se em Direito, fez carreira profissional nos tribunals de Bruxelas e presentemente é membro da Câmara dos Representantes. Oficial durante a guerra de 1914-18, esteve prisioneiro dos alemães desde 1916 a 1918. Conseguindo lludir a vigilância de que era alvo, procurou atravessar a fronteira belgo-holandesa na intenção de se reunir ao exercito belga no Yser. A infelicidade perseguiu-o, porém, pois foi recapturado.

De Março de 1925 a Junho de 1935, foi ministro dos Transportes do gabinete de Van Zeeland, e ministro dos Estrangeiros em outros governos de Van Zeeland e Janssen. Durante este periodo, em 1932, foi também eleito deputado por Bruxelas na qualidade de membro do partido socialista.

Em Novembro de 1937 presidiu à Conferência da Nova Foz de Iguaçu, reunida na capital belga para tratar os assuntos respeitantes ao Extremo-Oriente. Em Maio de 1938 a Fevereiro de 1939, foi Primeiro-Ministro,

e a 3 de Setembro de 1939, data em que estalou a guerra, voltou a ocupar a pasta dos Negocios Estrangeiros.

A 25 de Maio de 1940, Spaa abandonou a Bélgica e seguiu para França com outros membros do Governo belga na intenção de prosseguir na luta ao lado dos aliados franco-britânicos. Quando saiu de França em Agosto de 1940 para se juntar ao Governo belga de Londres, chefiado por Pierlot, foi detido em Espanha, onde o obrigaram a permanecer dois meses.

Tendo mais uma vez conseguido escapar disfarçado de camponês, esteve em Portugal e seguiu para Londres, onde chegou a 22 de Outubro de 1940. Conservou-se na capital britânica até à libertação do seu país, ao qual regressou em companhia do governo exilado. Defensor acérrimo da formação do bloco occidental, Spaa foi verdadeiramente o criador desta ideia que, durante os últimos tempos, tem morrido e renascido com extraordinária frequência.

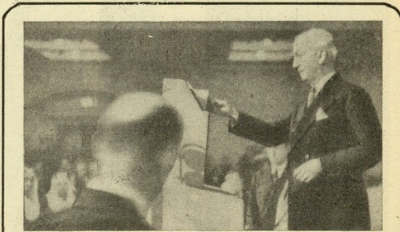
Hoje, Paul Henri Spaa, que conta 46 anos, deve ter atingido, com a eleição para a presidência da Assem-

bleia das Nações Unidas, o mais alto cargo da sua carreira politica. No entanto, encontra-se numa situação estranha. O actual Primeiro-Ministro belga, Van Acker, dissolveu recentemente o Parlamento, de modo que Spaa pode a um momento para o outro encontrar-se destituído das suas funções ministeriais.

O adversário de Spaa neste primeiro encontro da Assembleia da U.N.O. foi, como já se disse, o ministro dos Negocios Estrangeiros da Noruega, Trygve Lie, cuja candidatura era apoiada pela U.R.S.S. e pelos Estados-Unidos.

Trygve Lie nasceu em 1896. Também é formado em Direito e, durante muitos anos, dedicou-se pura e simplesmente à advocacia. Foi conselheiro jurístico das «Trade Unions» norueguesas e, em 1935, assumiu a pasta da Justiça, que conservou até 1939. Neste ano, transitou para o Ministério do Comércio. Depois, esteve no Ministério dos Abastecimentos e da Marinha Mercante desde 1 de Outubro de 1939 até 21 de Fe-

(Continua na página 16)



Trygve Lie, adversário de Spaa para a presidência da Assembleia da «UNO»



MAIS DO QUE ONTEM MENOS DO QUE AMANHÃ

Eis uma popular fórmula bem conhecida da gente nova de todo o mundo, e que muito bem sintetiza a norma de fabricação do Mobiloil.

De facto, o objectivo dos produtores do Mobiloil tem sido aperfeiçoar constantemente a qualidade deste lubrificante, de modo não só a acompanhar, mas até a ultrapassar as exigências das várias máquinas que se vão criando.

Foi assim no tempo de Diesel, no tempo dos irmãos Wright e também no tempo em que Lindbergh atravessou o Atlântico. Foi assim, ultimamente, na perseguição da Líbia, nas praias da Normandia, no céu do Japão.

Qualidade constantemente melhorada "mais do que ontem — menos do que amanhã!" — eis uma das mais importantes regras que tem feito do Mobiloil o lubrificante preferido por todos os automobilistas.



GARGOYLE MOBILLOIL

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

2065

PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marques 56 da Bandeira, 108. 3.ª - LISBOA

LAVANDE DOUBLE
O ar do campo!

«LAVANDE DOUBLE», PRODUTO DE BELEZA DA MAIS ALTA REPUTAÇÃO MUNDIAL. DEPOIS DO BANHO DA APELE UMA MAGNIFICA SENSACAO DE FRESCURA. TORNA-A SETINOSA, LISA E REJUVENESCIDA, COMO PERFUMADA DAS MAIS CAPITOSAS FLORES.

L.T. PIVER

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 52 (Concurso)
Por Francisco Marques Vicente (Lisboa)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

ENUNCIADO

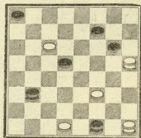
HORIZONTAIS: 1—Lugar, em que os escravos eram expostos à venda, entre os romanos. 2—Dar pios; que é difícil de compreender. 3—O mesmo que «os»; epiderme; desidratad (inv.). 4—Cidade do Egipto situada sobre as duas margens do Nilo; coral azul. 5—Letra grega; sobressalto; abrev. de «reia». 6—Cartel; transferes. 7—O lado do vento; qualquer pó; interjeição (exprime repugnância). 8—Letras de sigla; abastecer uma embarcação para se lançar à água. 9—Variação do pronome «tu»; cortar recte (uma árvore); graça. 10—Ela; união de prep. com artigo. 11—Antigo receptor de impostos, entre os romanos.
VERTICAIS: 1—Espécie de dinamite, que contém nitrato de potassa. 2—Tratado acerca dos intestinos. 3—A nós. 4—Luzas; que é do ar. 5—Que serve para nosso uso. 7—Medicina. 8—Casa das fibras do linho, que se separa com a espádua; espécie de andorinha. 9—Outra collar (pron. ant.). 10—Pescara com traça. 11—Que determina omissão.

DAMAS

PROBLEMA VARIÁVEL N.º 45

(Inédito)
Por Cândido Policarpo (Santarém—Lisboa)

Branças: 3 pedras e 2 damas.



Pretas: 4 pedras e 2 damas. Jogam as brancas e ganham.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 43

22-27	11-14	10-13
28-13,3	4-18,31	3-10,28
13-18	9,31-24,6	ganham.
31-13	P.	

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 44

8-12	14-32	1-28	20-27
16-7	9-2	31-24	30-23
32-16	16-17	ganham.	
2-20	P.		

1. CAMPEONATO DE «DAMAS» POR CORRESPONDÊNCIA, DE «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA».

Pede-se a todos os concorrentes o favor de nos remeterem todos os jogos da 2.ª eliminatória, que jogarem com as brancas, que jogarem com as pretas, a fim de nos facilitarem o trabalho de apuramento.

PROBLEMA N.º 51

Solução

HORIZONTAIS: 1—Sarau; nadar. 2—Anti; lata. 3—Lar; ala; rei. 4—Só; armar; ia. 5—Ar; er. 6—Alar; amor. 7—Iv; im. 8—Os; amador; M.P. 9—Mós; ó; sua. 10—Amor; soar. 11—Rales; cobra.

VERTICAIS: 1—Salsa; do mar. 2—Anio; soma. 3—Biri; ali; sol. 4—Al; arava; re. 5—Ar; mo. 6—Alma; lava. 7—As; do. 8—Al; rema; só. 9—Dar; rob; sob. 10—Ato; luar. 11—Ralar; apara.

SOLUCIONISTAS DO PROBLEMA N.º 50

D. Herminia Fiolgosa, D. Maria do Carmo Sousa, João Figueira Ruas, Carlos Pereira Chaves, José Luís da Cruz, José Luís da Costa, Jacinto B. Marques, Enrico Machado, Kriste e Janeca (todas de Lisboa); Nicolau F. Telo de Moraes (Viseu), Seven (Aveiro), e Trypeiro (Porto).

PALAVRAS CRUZADAS

(Nova modalidade)

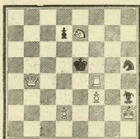
SOLUCIONISTA DO PROBLEMA N.º 1

Jacinto B. Marques (Lisboa), Afonso Kriss e Janeca de Lisboa, foram os únicos solucionistas do problema n.º 49.

XADREZ

PROBLEMA N.º 23

Por Paul Nascimento (R. P. X.)



SOLUÇÃO DO ESTUDO PUBLICADO EM 24/12/45

(Vida Mundial Ilustrada n.º 240)

(Moravec): muito curioso e inesperado: 1. Tal+, Rb6; 2. Tbt+, Rcb (ex. Ra6; 3. Tal+ rep. de lances); 3. Tal, Rd8 (a contra-dança real começa); 4. Rd8, Rcb; 5. Rcb, Rf8; 6. Rf6, Rg8; 7. Ta8+, Rh7 (na posição simétrica a manobra primitiva repete-se); 8. Tbt+, Rb6; 9. Ta8, Rh5; 10. Rf6, Rh4; 11. Rf4, Rh5; 12. Rf5 etc. a empate por rep. de lances é nítido.

SOLUÇÃO DO ESTUDO PUBLICADO EM 3/1/46

(Vida Mundial Ilustrada n.º 241)

(Grigorief): aplicação instructiva das regras do quadrado do P. (um P. livre chega a D), se entra em quadrado, que não é acessível ao—R inimigo e da oposição. 1. b3 (ex. 1. Rb8; b4; 2. e4; b3), b4; 2. e4, Ra6 (op. real imediata); 3. Rb8, Rb6; 4. Rcb, Rcb; 5. Rd8, Rd8; Rcb, Rcb; 7. Rf8, Rf6; 8. Rg8, Rg6; 9. Rh8, Rh6 (as Pr. adoptam a op. virtual, porque se 9.... Rh6 as Br. ganham pelo quadrado do P.), 10. Rh7, Rh7 (novamente op. r. l.); 11. Rh6, Rh6; 12. Rh6, Rf5; 13. Rh4, Rf4; 14. Rh3, Rf5

(ex... Rf3 regra do quad.); 15. Rg8, Rg4; 16. Rg4, Rg4; 17. Rf4 e ganham. R. P. X.

JOGO DE PALAVRAS

PROBLEMA N.º 1

Por Augusto Teixeira Marques (Dedicado ao amigo e colaborador Jorge Pessoa Pereira)

Formar 10 palavras começadas por DEC, das quais a seguir damos sinónimos.

Para resolver este problema: 10 palavras em 8 minutos é excelente; 8 palavras em 7 minutos, bom; e 5 em 8 minutos, regular. Exemplo:

Dignidade de decano: Decahado

- 1—Declinar DEC...
- 2—Espaço de 10 anos DEC....
- 3—Prefixo grego que significa dez DEC.
- 4—Caduco DEC.....
- 5—Resolver DEC.....
- 6—Ilusão perdida DEC.....
- 7—Rectar em voz alta DEC.....
- 8—Os 10 mandamentos da lei de Deus DEC....
- 9—Decência DEC....
- 10—Reter na memória DEC....

MARIDOS ZELOSOS

(Publicado no n.º 226, de 13/9/45)

Solução

- 1.—Vão Filipe e Ivone.
- 2.—Volta Ivone e leve Casimira.
- 3.—Volta Casimira, deixando Ivone e Filipe, e leva Augusto.
- 4.—Volta Casimira e leva Raquel.
- 5.—Volta Raquel e leva Jaime.

Shampoo-tint rap-i-dol

Encontra-se à venda nas seguintes cores

Recondiciona o cabelo e pode ser usado antes ou depois dum permanente sem que afecte a mesma Não causa erupção

À venda nas boas Perfumarias e Drograrias
Distribuidor exclusivo para Portugal
G. DE CAMPOS MARTINS
Caixa Postal 826 ~ Telef. 81-951



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA EMENDA, 69 2.º - LISBOA - TELEFONE 25844
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMÃOS), LTD.
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27

* Atenção, rapazes! Tem
* desanove anos. É linda,
* como os amores. E Holly-
* wood considera-a um dos
* talentos mais em evidên-
* cia, entre quantos foram
* assinalados nos últimos
* anos. A sua carreira no ci-
* nemo conta-se através de
* três filmes: um grande pa-
* pel em «Meia Lux», ao
* lado de Ingrid Bergman e
* Charles Boyer; uma actua-
* ção feliz em «A nobreza
* corre-lhe nas veias», ao
* lado de Mickey Rooney
* — e, finalmente, a consa-
* gração: vedeta de «O Re-
* trato de Davian Gray». *
* Tomem nota: chama-se *
* Angela Lansbury. *
